



LENDAS DOS MANGUEZAIS

NO DELTA DO RIO PARNAÍBA-PIAUI



IRLAINE RODRIGUES VIEIRA
FRANCISCO EUDES DE SOUSA
ALINE MARTINS SILVA
MANOEL BRUNO ALVES SALES
JESUS RODRIGUES LEMOS



Irlaine Rodrigues Vieira
Francisco Eudes de Sousa
Aline Martins Silva
Manoel Bruno Alves Sales
Jesus Rodrigues Lemos

LENDAS *DOS*
MANGUEZAIS
NO DELTA DO RIO PARNAÍBA-PIAUI

Cordelista: Francisco Eudes de Sousa
Ilustradora: Nayara Siqueira Oliveira



2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Viriato Campelo

Superintendente de Comunicação Social

Graciele Barroso

Diretor da EDUFPI

Cleber de Deus Pereira da Silva

EDUFPI - Conselho Editorial

Cleber de Deus Pereira da Silva (Presidente)

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Gustavo Fortes Said

Nelson Juliano Cardoso Matos

Nelson Nery Costa

Viriato Campelo

Wilson Seraine da Silva Filho

Projeto Gráfico e Diagramação

Erik Fernando da Silva Ivanov

Ilustrações da capa e do texto:

Nayara Siqueira Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

V657I Vieira, Irlaine Rodrigues
Lendas dos manguezais no Delta do Rio Parnaíba – Piauí [Livro digital]. / Irlaine Rodrigues Vieira et al. – Teresina: EDUFPI, 2025.
126 p.:il.

ISBN: 978-65-5904-353-8

1. Meio ambiente. I. Sousa, Francisco Eudes de. II. Silva, Aline Martins. III. Sales, Manoel Bruno Alves. IV. Lemos, Jesus Rodrigues. V. Oliveira, Nayara Siqueira (Ilustradora). VI. Título.

CDD: 398

Elaborada por Adriana Luiza de Sousa Varão CRB-3/1493

2025

AUTOR CORPORATIVO

Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil





LENDA 1
LENDA DA ALMA

PÁG. 9



LENDA 2
LENDA DO ESPÍRITO

PÁG. 25



LENDA 3
LENDA DO
ASSOBIADOR PÁG. 42

SUMÁRIO



LENDA 4
LENDA DA
MÃE D'ÁGUA PÁG. 58



LENDA 5
LENDA DO ANIMAL

PÁG. 75



LENDA 6
LENDA DO HOMEM

PÁG. 91



LENDA 7
LENDA DO
GRITADOR PÁG. 107

APRESENTAÇÃO

Este livro é mais do que simplesmente adentrar as portas para uma coleção de versos, é abrir uma janela para a alma das comunidades tradicionais que habitam a parte piauiense do Delta do rio Parnaíba. Contemplando parte do litoral do estado do Piauí, nordeste do Brasil, esse delta, com seus manguezais entrelaçados e rios que deságuam no oceano, não é apenas uma maravilha natural, mas também um santuário de histórias e lendas que moldam a identidade e o imaginário de seu povo. Ao olharmos para o Delta, enxergamos uma interseção única entre o mundo natural e o espiritual, onde o vento nas árvores pode ecoar o assobio do Assobiador e as águas abrigam segredos tão profundos quanto as raízes que sustentam esse ecossistema.

A construção deste livro nasce da necessidade urgente de registrar e resgatar as lendas que permeiam o cotidiano dessas comunidades. Surgido a partir de pesquisas etnobotânicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPAr realizadas junto a comunidades tradicionais em áreas de vegetação de mangue. Lendas como a do Gritador e as Almas que vagam pelas noites escuras são muito mais do que histórias, são fragmentos de uma cultura rica que merece ser preservada e difundida. Cada cordel que compõe esta obra é um fio na vasta teia cultural do Piauí, onde mito e realidade se entrelaçam em uma dança eterna. Este registro não é apenas uma celebração da cultura local, mas um convite para que o mundo conheça e reconheça a profundidade e a beleza de um lugar tão singular.

Objetivamos resgatar e perpetuar a cultura piauiense através de suas lendas, utilizando a forma lúdica e acessível do cordel. O cordel, com sua métrica envolvente e narrativa poética, transforma as lendas em obras vivas que não apenas encantam, mas também educam. Ao optar por este formato, os autores esperam não só atrair o interesse de leitores curiosos, mas também garantir que o conhecimento biocultural da região seja apreendido e valorizado.

Mais do que uma simples leitura, este livro é uma ferramenta de ensino. Ele é ideal para o público acadêmico e extra-acadêmico, podendo ser adotado por professores, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, especialmente em disciplinas como Etnobiologia e Sociobiologia. Este trabalho representa uma ponte entre o passado e o futuro, onde as lendas dos manguezais do Delta do Parnaíba continuam a viver e a inspirar, ecoando por gerações em todos os cantos do mundo.

Os Autores

PREFÁCIO

É com grande alegria e honra que acolho o desafio de prefaciar a obra “Lendas dos Manguezais no Delta do Rio Parnaíba-Piauí”, obra essa que Irlaine Rodrigues Vieira, o poeta cordelista Francisco Eudes de Sousa, Aline Martins Silva, Manuel Bruno Alves Sales e Jesus Rodrigues Lemos nos presenteiam, tendo belíssimas ilustrações de Nayara Siqueira Oliveira, colocando-nos num movimento encantador e misterioso das estórias, dos símbolos, do imaginário, crenças, valores e saberes dos povos do mar e fazendo-nos percorrer os Manguezais de parte do Delta do Parnaíba, lugares com seus ecos de mistérios, suas raízes entrelaçadas como versos de uma canção ancestral, murmurando segredos e, tal qual um guardião silencioso, abraça e acolhe vidas, protegendo os ecossistemas e mantendo a variedade da vida no território, ação essencial para o cuidado, preservação e manutenção do planeta e de todas as suas formas de vida.

Os Manguezais no Delta do Rio Parnaíba são territórios onde a terra e o mar se encontram em um abraço eterno, as raízes das árvores se erguem como esculturas vivas, buscando o céu enquanto se ancoram firmemente no solo. É nesse ambiente místico que os autores e as autoras, juntam-se com o cordelista Eudes de Sousa para compartilharem seu trabalho, apresentando-nos um conjunto de lendas, narradas na poesia do cordel, as quais, remando pelos caminhos dos manguezais, nos levam a uma experiência misteriosa, intrigante, assustadora com o ambiente, seus personagens e seus encantos, sintonizando-nos com o imaginário dos pescadores, pescadoras e marisqueiras, que relatam suas vivências envolvendo seres e energias espirituais que permeiam o silêncio e a vida dos manguezais.

Na medida em que remamos e trafegamos pelos caminhos do rio e dos mangues, seguindo a narrativa das lendas e as belas rimas do cordel, não só embarcamos pelas belezas, encantos e pela força dos manguezais do Delta do Parnaíba, mas também somos envolvidos na cultura e no espírito da arte da pesca artesanal, desveladas poeticamente na narrativa, permitindo o encontro e o diálogo com a identidade e o modo de vida das populações tradicionais da região. Experimentamos, assim, nessa vivência simbólica, literária, antropológica uma poética das águas e das raízes, permeada pela atmosfera espiritual e sagrada dos manguezais.

Essa experiência poética das águas e das raízes, vivenciada na obra, entrelaça lendas e mitos, mostrando e refletindo a profunda conexão das populações pescadoras com o mar, rios, com os ecossistemas costeiros e com a vida espiritual dos mangues.

A poesia de cordel nos leva à vivência da “Lenda da Alma”, que conta a história de seu Raimundo, um pescador que vive no Piauí e enfrenta uma experiência aterrorizante durante uma de suas pescarias; nos conduz à “Lenda do Espírito”, que narra a experiência de Dona Maria, uma marisqueira experiente que trabalha nos manguezais desde jovem. Ela e outras mulheres vão pescar mariscos em uma região do manguezal, seguindo a rotina tradicional. Um dia, durante uma dessas pescarias, elas escutam um barulho estranho, semelhante ao de um machado cortando galhos, vindo da mata próxima. A “Lenda do Assobiador” nos conecta com a experiência de seu João, um pescador que, durante uma noite de pesca no manguezal, se depara com um fenômeno inexplicável. Já a “Lenda da Mãe D’água” conta a experiência de Francisco, um pescador aposentado que recorda um evento aterrorizante de sua juventude. Em uma noite de pesca, Francisco decidiu explorar um pouco mais do rio do que de costume, esperando encontrar novas espécies. Quando o sol se pôs e a lua apareceu, ele preparava-se para encerrar a pescaria quando sua rede voltou vazia. Temos também a “Lenda do Animal”, a qual relata a experiência de Luís, um jovem pescador que cresceu aprendendo sobre o manguezal com seu pai e outros pescadores. Ele sabia que o mangue era vital e repleto de vida, desde caranguejos até jacarés e peixes. A obra também nos traz a “Lenda do Homem”, que narra a experiência de Zé Maria, um pescador que enfrenta uma assombração no rio. Durante uma noite de pesca, ele vê sua canoa sendo puxada para o fundo e encontra um ser sobrenatural, um homem mediano com força imensa. Após escapar, Zé conta sua história, revelando o perigo que espreita nos rios, ilustrado pelos destroços de sua canoa encontrados mais tarde. A “Lenda do Gritador” finaliza a obra, compartilhando a história de seu Bento, que viveu uma experiência inquietante enquanto pescava durante uma noite de lua cheia.

Apesar das narrativas concentrarem-se nas experiências e casos aterrorizantes, essas lendas são reveladoras de uma cosmologia, segundo a qual existe uma grande interconexão entre todos os seres: animais, plantas, rios e até mesmo objetos inanimados são considerados como parte de uma grande família; há, portanto, uma relação intrínseca e sagrada entre o ser humano e a natureza, concebendo-a como um ente vivo, dotado de espírito e energia. Essa visão, presente em diversas culturas africanas e indígenas, diverge significativamente do dualismo cartesiano que separa o ser humano da natureza.

Trago a perspectiva do autor Hampâté Bâ (1994, 2008)* que, na riqueza de seus textos, baseada nos recursos da oralidade africana, ensina-nos que os mitos, contos, lendas, provérbios, cantos são recursos que trazem ensinamentos baseados nos valores culturais ancestrais dos povos africanos

* AMADOU, Hampâté Bâ. *Contes initiatiques peuls*. Paris: Stock, 1994.

AMADOU, Hampâté Bâ. *Petit bodiél et autres contes de la savane*. Paris: Stock, 1994.

AMADOU, Hampâté Bâ. *Amkoullel, o menino fula*. 2. ed., São Paulo: Casa das Áfricas, 2008.

e afrodescendentes, onde os personagens, sejam eles humanos, animais ou quaisquer outras entidades, sempre estão em ação e em diálogos refletindo a vida e as relações nas sociedades humanas. Solidariedade, partilha, humildade, justiça, coragem, equilíbrio, harmonia, ética, respeito à natureza, entre outros, são valores possíveis de serem notados nos contos de obras, como no exemplo das obras do referido autor: “Petit Bodiel et autres contes de la savane” (1994) e “Contes initiatiques peuls” (1994). Essas obras relatam contos iniciáticos. Portanto, podemos dizer com Hampâté Bâ (1994) que as lendas e os mitos não são apenas narrativas antigas, mas mecanismos através dos quais os valores, a moral e as histórias coletivas são transmitidas e perpetuadas ao longo das gerações.

Assim, em “Lendas dos Manguezais no Delta do Rio Parnaíba-Piauí”, encontramos não apenas narrativas de assombros e encantos, mas a alma viva de uma terra repleta de mistérios e tradições. Cada história, narrada com o vigor e a sabedoria de seus contadores/as e sistematizadas na poesia de cordel, nos revela o elo profundo entre o ser humano e o manguezal, entre o mito e a realidade, entre o visível e o invisível. Através dessas narrativas, ressoam os ecos de um passado imortalizado em versos, onde o assombro e a magia se entrelaçam com o cotidiano dos pescadores, pescadoras, marisqueiras e das criaturas que habitam essas águas.

Que ao final da leitura possamos sentir a presença do vento que sussurra lendas, das águas que guardam segredos e das vozes dos ancestrais que continuam a nos guiar, pois é na tradição oral que preservamos não só o que foi, mas também o que somos eternamente enredados nas histórias que contamos e ouvimos.

*Prof. Dr. Osmar Rufino Braga
Pedagogo – Educador Popular
Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPAr*



Lenda 1

LENDA DA ALMA



A história que vou contar
é um conto muito medonho,
não é nenhuma mentira
e muito menos é sonho,
quem me contou a história
foi seu Raimundo da Glória
pras bandas do Piauí,
passou um medo danado
e ainda vive assombrado
com o que contarei aqui.



Seu Raimundo é pescador
da pesca tira o sustento,
quando ia para as águas
antes temia só vento,
mas de uns tempos pra cá
ele se esbarrou por lá
com um ser esbranquiçado,
que assombra os pescadores
e todos os moradores
de um pequeno povoado.



AAAH!

AAAH!

AAAH!

GRR!

GRR!

GRR!

GRR!

GRR!

!

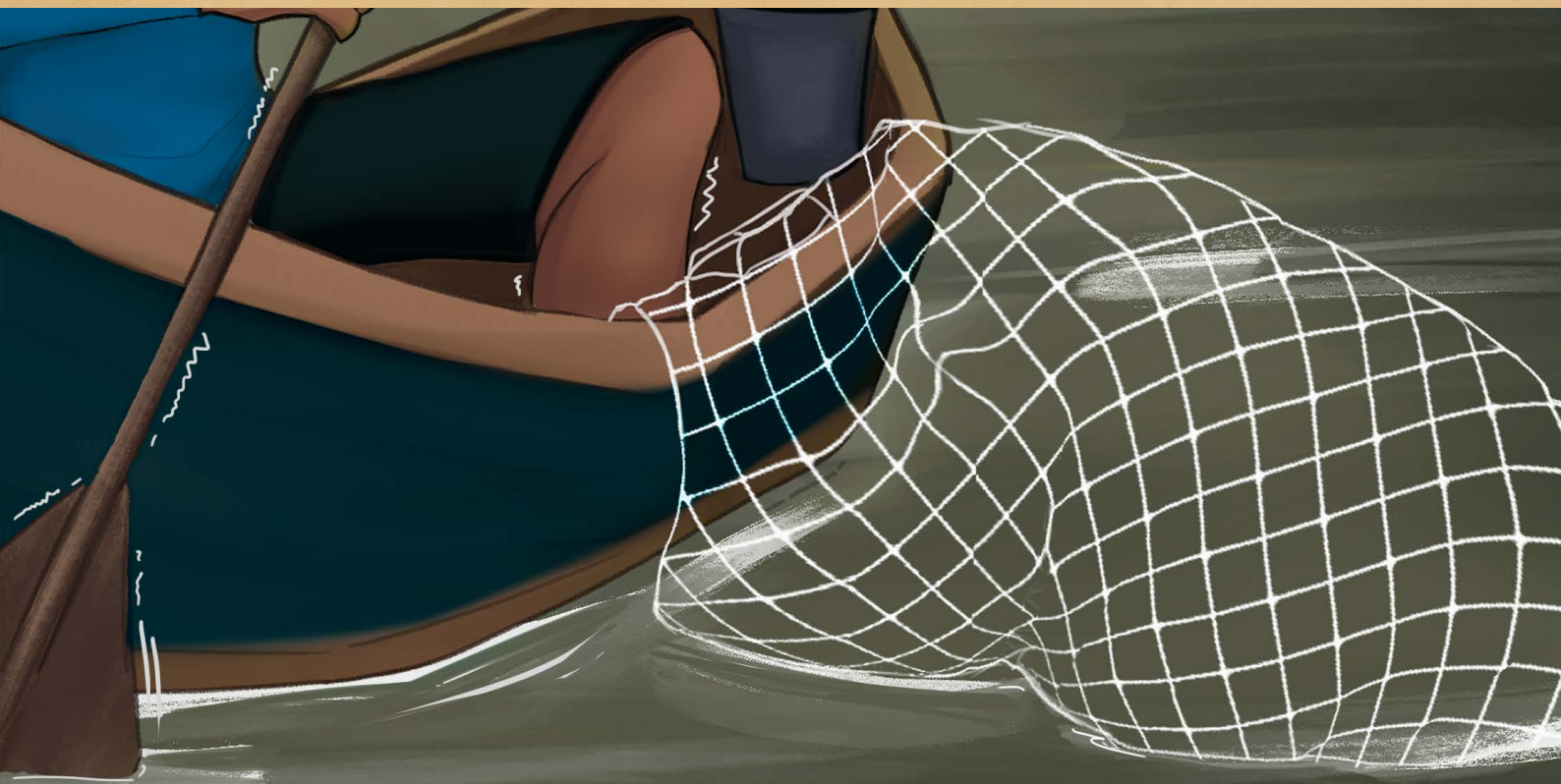
Raimundo tem o costume
de pescar no fim do dia,
quando o sol já vai embora,
e a lua já aparecia,
às vezes de madrugada
sai de barco na caçada
atrás do seu alimento,
é um trabalho cansativo
que nem sempre é produtivo
mas é seu único sustento.

Em uma dessas pelepas
ao fazer a pescaria,
seu Raimundo se assustou
com um barulho que ouvia,
não era feito por gente
era estranho, diferente,
parecia um animal,
era motivo de espanto
ecoava em todo canto
lá dentro do manguezal.



Sua noite tinha tudo
para ser só de fartura,
mas se tornou tenebrosa
por conta da criatura,
ele não sabia bem
se era a voz de alguém,
ou um bicho machucado,
mas começou a ter medo
mesmo a lua desde cedo
iluminando o povoado.

Era um gemido estranho
não se sabe de onde vinha,
se era de dentro do rio
ou das árvores que tinha,
mesmo com medo e sozinho
foi seguindo seu caminho
continuou a pescaria,
e quanto mais navegava
mais o som aumentava
e mais barulhos se ouvia.



Os gemidos pareciam ser de tristeza e de dor, cada gemido causava mais medo no pescador, era um barulho tão forte parecia ser de morte de algum animal ferido, e no decorrer do rio ele sente calafrio ao som de cada gemido.





Quando os gemidos pararam
Raimundo seguiu em frente,
achou que tinha acabado
mas logo rapidamente,
uma pedrinha é jogada
ele põe luz, não vê nada
e não encontra ninguém,
logo fica assustado
tem galhos pra todo lado
sendo jogados também.



Era como se pessoas
estivessem lá por perto,
jogando pedras e galhos
de algum lugar incerto,
mas só tinha no local
Raimundo no manguezal
e os peixes da pescaria,
como a lua era cheia
dava para ver a areia
parecia luz do dia.

O medo tomou de conta
ele tenta ir embora,
tira o seu barco de lado
e logo na mesma hora,
um vulto branco sem cara
passa rápido, não para,
e ele fica sem saber,
se aquilo tudo é verdade
ou se perdeu a sanidade
com a imagem que ele vê.



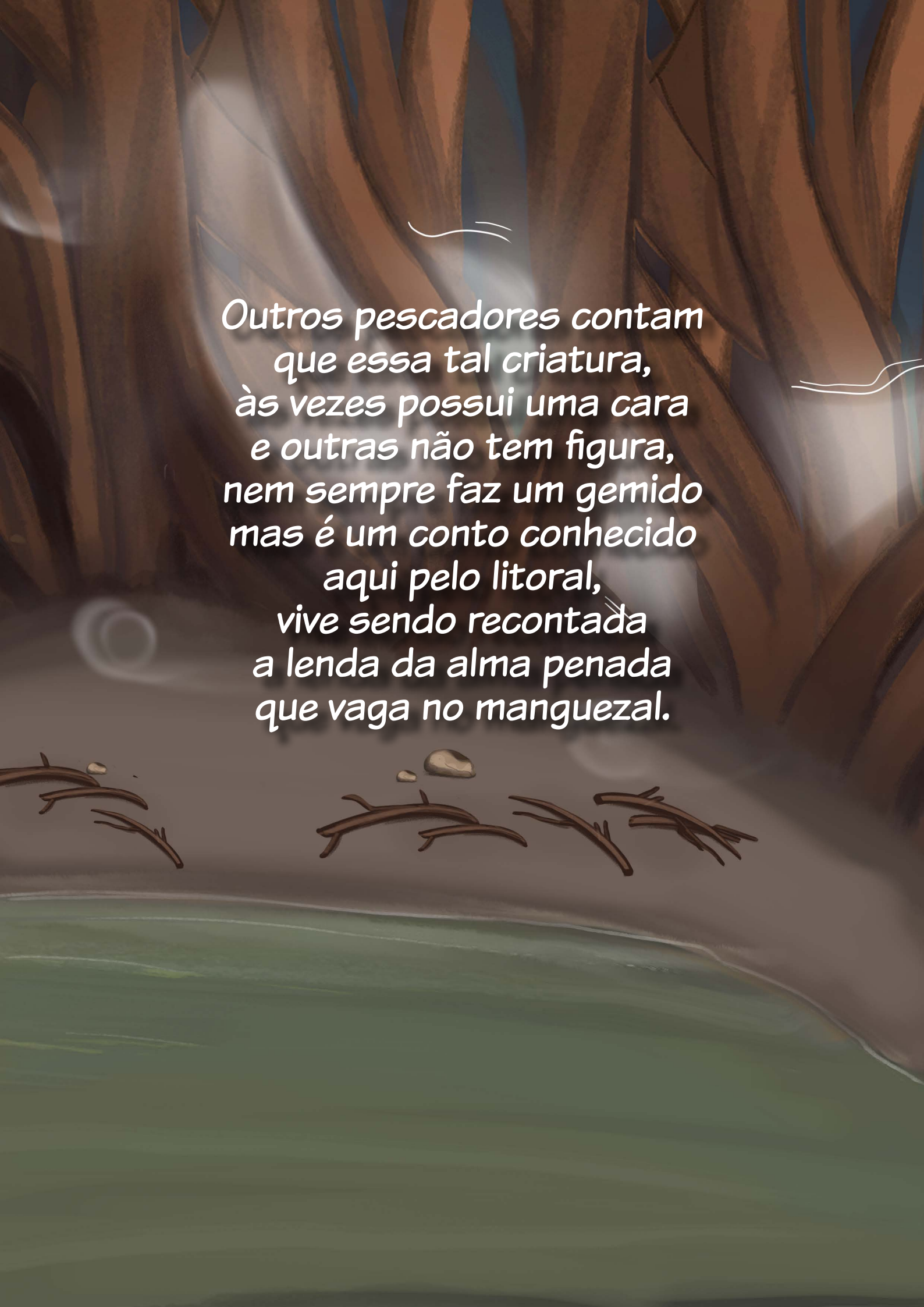
O pescador se apressa
querendo sair de lá,
enquanto o vulto sem rosto
vaga de lá para cá,
debaixo da luz da lua
o gemido continua
começa uma ventania
e a rede que foi jogada
vem vazia, não tem nada
chega ao fim a pescaria.

Desesperado, Raimundo
sai de lá rapidamente,
e tendo a plena certeza
que aquilo nunca foi gente,
muito menos animal
era sobrenatural
algo bem desconhecido,
não tinha cara de nada
era uma alma penada
que tinha feito o gemido.



Quando tomava distância
já longe do manguezal,
percebeu que não havia
barulhos pelo local,
não se escutava gemido
e o vulto tinha sumido
no meio de tanto breu,
se escondendo lá no fundo
deixando no seu Raimundo
o trauma que ele viveu.

Após isso o pescador
não foi mais de madrugada,
pois se o gemido aparece
ninguém pode fazer nada,
ele é um aviso da alma
se ouvir mantenha a calma
pegue as coisas e vá embora,
cancele sua pescaria
volte depois, outro dia,
e fuja na mesma hora.



Outros pescadores contam
que essa tal criatura,
às vezes possui uma cara
e outras não tem figura,
nem sempre faz um gemido
mas é um conto conhecido
aqui pelo litoral,
vive sendo recontada
a lenda da alma penada
que vaga no manguezal.



Lenda 2

LENDA DO ESPÍRITO





Essa história é um conto
que contaram para mim,
eu não sei se foi verdade
mas só sei que foi assim,
ela não traz muito medo
para narrar esse enredo
fui lá no rio, pela beira,
atrás da dona Maria
forte que nem luz do dia
e uma grande marisqueira.

**Dona Maria trabalha
desde o tempo de menina,
ainda pesca marisco
e para as filhas ensina,
a pescar nos manguezais,
fazendo os materiais
usados na pescaria,
uma grande profissão
que passa de geração
vai de Maria a Maria.**



A mariscagem é feita
lá dentro do manguezal,
junta várias marisqueiras
e seguem para o local,
enquanto o mangue esvazia
fazem sua pescaria
nas águas da região,
debaixo de sol e céu,
tem na cabeça um chapéu
e seu landuá na mão.

Em uma dessas idas
na baixada da maré,
lá se foi dona Maria
ao manguezal indo a pé,
uma paisagem tão bela
várias mulheres com ela
fazendo o seu trabalho,
cantando durante a cata
até ouvir lá na mata
a quebradeira de galho.



As mulheres rapidamente pararam sem entender, que barulho era aquele que não dava para ver, elas olhavam de lado escutavam um machado cortar galho e madeira, ninguém não sabia ao certo quem estava lá por perto fazendo a quebradeira.

Diante do tal barulho
pensaram que poderia,
ser o marido de alguém
caçando na luz do dia,
mas não tinha o que caçar
os caranguejos do lugar
estavam bem protegidos,
era tempo de defeso
não se cata, nem é preso
até ficarem crescidos.





Já que às vezes as crianças
brincavam no manguezal,
não levaram muito a sério
os ruídos do local,
mas só estranharam o som
pois não mudava de tom,
só repetia a batida,
era como se o machado
nunca tivesse parado
e tivesse a própria vida.

A quebradeira não para
vai chegando mais pertinho,
dona Maria levanta
e segue até o caminho,
vai na metade da estrada
ao chegar lá não vê nada
e o barulho se mantém,
quanto mais ela caminha
mais se arre pia todinha
na barulheira que vem.



Dona Maria curiosa
continua caminhando,
cada passo que é dado
o barulho vai chegando,
ficou com a mão gelada
olhou por lá, não viu nada,
era só ela no local,
até que rapidamente
apareceu em sua frente
um ser sobrenatural.

Possuía cara e corpo,
e nas mãos tinha um machado,
até parecia um vulto
ou outro ser assombrado,
mas logo em um instante
viu que era semelhante
a uma pessoa querida,
que dentro do manguezal
naquela mesmo local
havia perdido a vida.



O espírito lhe lembrava
um morador bem antigo,
um grande antepassado
que de seus pais era amigo,
o espírito flutuava
e quanto mais ela olhava
mais parecia a pessoa,
o falecido senhor
que além de pescador
era alguém com alma boa.

Paralisada e olhando
o espírito em sua frente,
bem de longe ela escutava
a barulheira de gente,



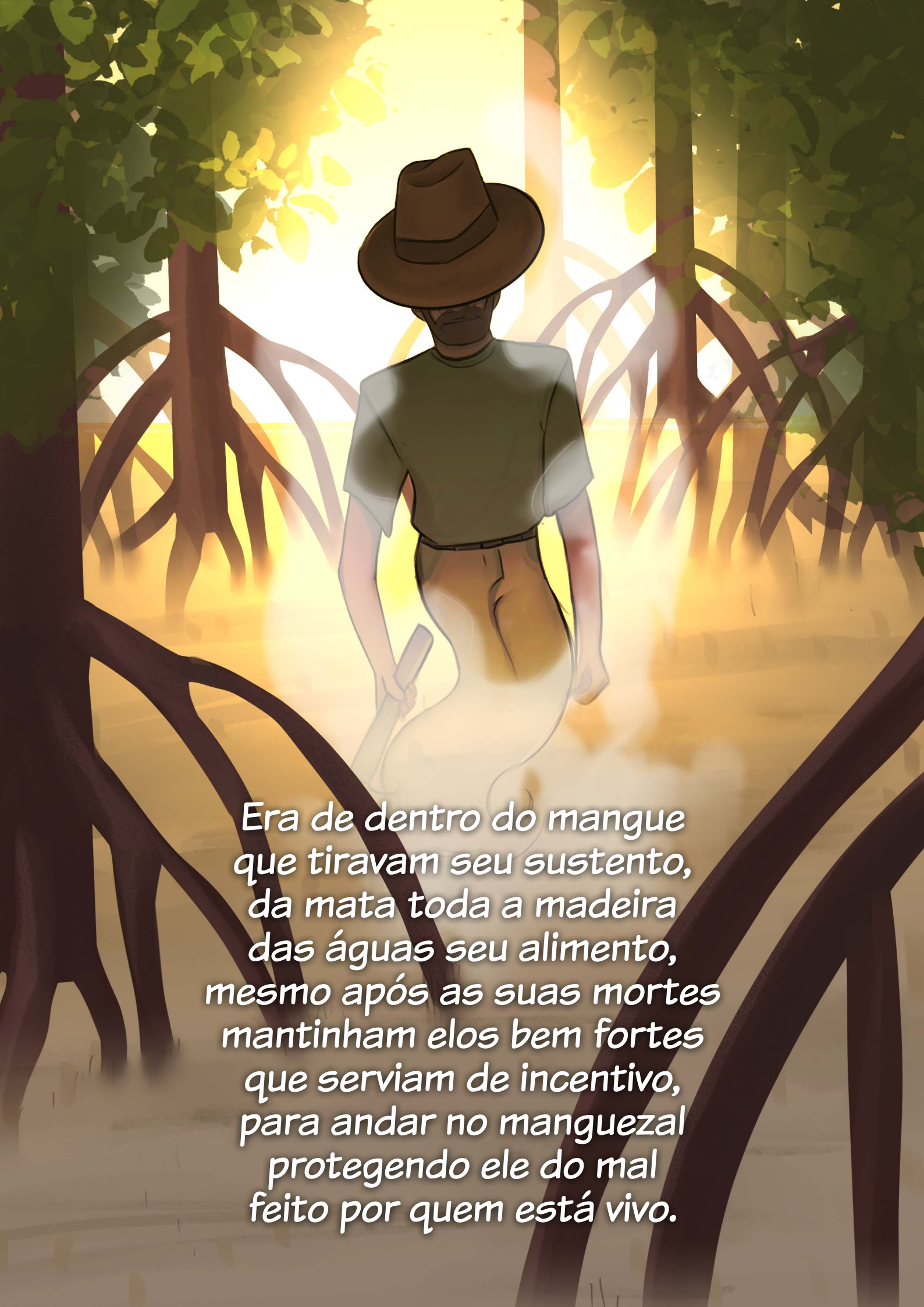
as mulheres lhe chamavam
e muitas delas achavam
que algo tinha acontecido,
estavam procurando ela
quando chegam perto dela
o homem já tinha sumido.

A quebradeira já tinha
sido parada também,
e dona Maria olhava
mas não enxergava ninguém,
na volta da mariscagem
aquela estranha imagem
da sua mente não saía,
não tinha como esquecer
o que ela acabou de ver
na manhã daquele dia.

Ao contar para as mulheres
que estavam lá no rio,
elas ficaram com medo
e sentem um arrepio,
quando disse ao seu marido
ele diz já ter ouvido
contos sobrenaturais,
de gente já falecida
que após perder a vida
vaga por certos locais.

Depois daquele encontro
mariscar foi diferente,
quando tinha quebradeira
de machado lá na frente,
já sabiam, era a hora
de todas irem embora
e não ficarem por lá,
para não correr os riscos
guardavam os seus mariscos
e também seu landuá.

Dizem que esses espíritos
são pessoas do passado,
que moravam bem ali
com muito zelo e cuidado,
que tinham a sensação
de serem da região
de pertencer ao local,
que viviam todo dia
na mais pura harmonia
lá dentro do manguezal.

An illustration of a man wearing a brown hat and a green t-shirt, walking away from the viewer through a mangrove forest. The scene is bathed in the warm, golden light of a sunset or sunrise, with the sun visible through the trees in the background. The man is holding a rolled-up document or map in his right hand. The mangrove trees have prominent, dark, arching roots that frame the man and the path.

Era de dentro do mangue
que tiravam seu sustento,
da mata toda a madeira
das águas seu alimento,
mesmo após as suas mortes
mantinham eles bem fortes
que serviam de incentivo,
para andar no manguezal
protegendo ele do mal
feito por quem está vivo.




Lenda 3

LENDA DO ASSOBIADOR



Se nos dá medo em ouvir
história de assombração,
imagine escutar essa
contada por seu João,
só de pensar me arrepio
ela se passou no rio
lá dentro do manguezal,
depois do que foi passado
hoje ele toma cuidado
quando pesca no local.

*Seu João conta a história
de que em certa pescaria,
que ele fez no fim da noite
já entrando no outro dia,*

An illustration showing two men from behind, standing in a red boat on a river. The man on the left is wearing a grey tank top and black shorts, holding a wooden pole. The man on the right is wearing a yellow long-sleeved shirt and black shorts. They are looking towards a large, white fishing net that is partially submerged in the water. The background is a dense forest of green trees with thick brown trunks. The sky is a soft, hazy blue and orange, suggesting dawn or dusk.

*algo estranho aconteceu
mas só sabe que aprendeu
uma importante lição,
não pescar ou deixar preso
peixe durante o defeso
que existe na região.*



Naquela noite o pescador
decidiu não ir sozinho,
no embalo do momento
até mudou de caminho,
ele estava acompanhado
tinha um colega do lado
que era pescador também,
além deles tinha o vento
galhos soltos no relento
e os peixes que por lá tem.

Estava tudo indo em paz
da forma que ele queria,
enquanto eles conversavam
de peixes a rede enchia,
mas toda a paz foi embora
exatamente na hora
que ouviram um assobio,
parecia um passarinho
ecoava bem fininho
de ponta a ponta do rio.



Resolveram então achar
o dono daquele som,
além de levarem peixe
um passarinho era bom,
era um alimento a mais
diferente dos demais
que eles queriam pegar,
um põe a luz bem em cima
já o outro logo se anima
para tentar atirar.


Apontaram a lanterna
para ver de onde vinha,
procuraram pelo mangue
mas nenhum pássaro tinha,
ficaram encabulados
procurando pelos lados
o possível passarinho,
era algo muito incerto
às vezes soava perto
e outras no fim do caminho.



Como não acharam nada voltaram a pescaria, até que o som aumentou e quanto mais se ouvia, causava dor nos ouvidos deixando bem doloridos era impossível aguentar, eram tantos assobios que causavam calafrios naquele mesmo lugar.

O medo bateu depressa
e naquela mesma hora,
a vontade que eles tinham
foi de fugir e ir embora,
era muito agonizante
de instante em instante
um assobio se escutava,
era fino feito o vento
se ouvia a todo momento
e em todo canto soava.

Parecia estar no barco
o fazedor do assobio,
às vezes vinha do mato
e em outras vinha do rio,



era som em todo canto
causava medo e espanto
além disso, muita dor,
mas nisso o maior receio
foi quando o bicho veio
na nuca do pescador.

Quando isso aconteceu
o assobio veio mais forte,
ao sentir maiores dores
seu João temeu a morte,
na pressa pra se salvar
não conseguiram tirar
a rede da pescaria,
quanto mais eles tentavam
mais finos os sons ficavam
e mais no ouvido doía.

Saíram bem apressados
e a rede ficou no rio,
quando chegaram bem longe
ninguém ouvia assobio,




os seus ouvidos doíam
mas no fim eles sabiam
que aquilo não era normal,
era alguma assombração
que estava na região,
naquela hora e local.

Ao chegarem lá na vila
vinham os dois pescadores,
com as mãos em cada ouvido
e reclamando das dores,
foram contando direitinho
desde o falso passarinho
que pensavam existir,
até o medo que passaram
e assobios que escutaram
na luta para fugir.



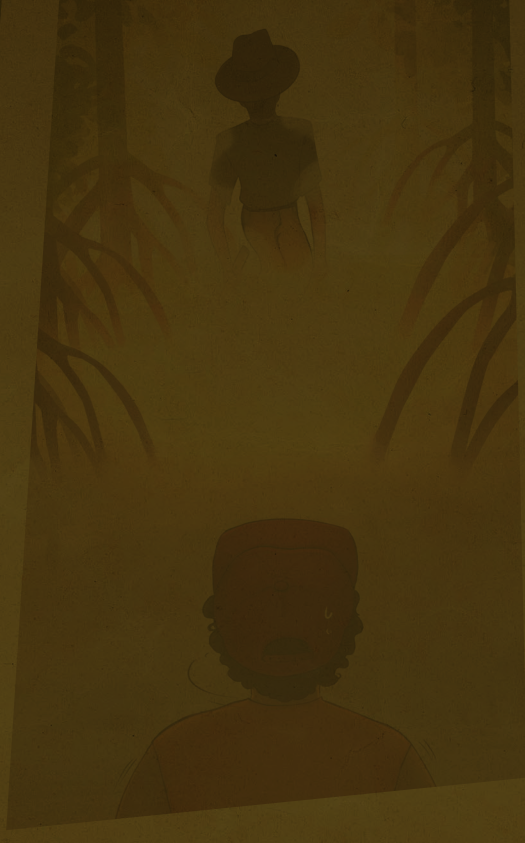
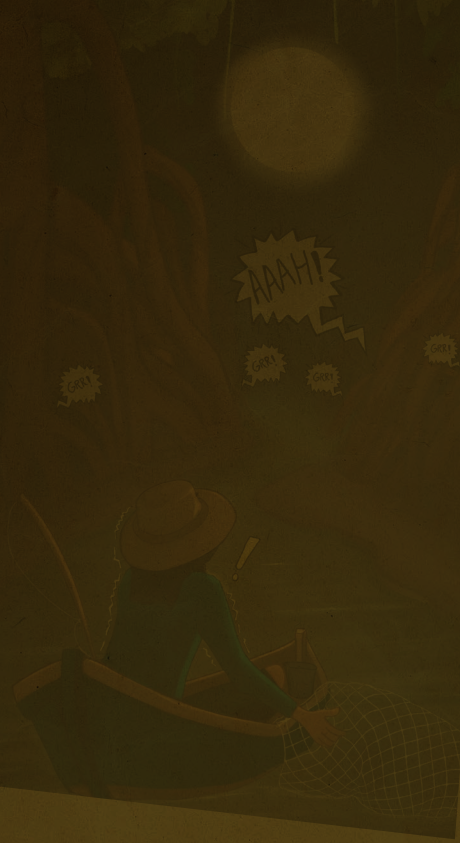
Quando contavam tudo isso
chegou lá perto um senhor,
falando que os assobios
eram do assobiador,
um ser sobrenatural
que vive no manguezal
jamais visto por ninguém,
que somente é conhecido
pelo medonho e temido
assobio que ele tem.

Ele aparece no mangue
se tiver algo de errado,
como pessoas pescando
sem ter atenção e cuidado,
pegando vários peixinhos
ou caranguejos novinhos
quando não é permitido,
se é defeso lá no rio
ele vem com o assobio
bem fino em nosso ouvido.



Mas muitos já entenderam
que esse assobiador,
além de nos causar medo
também é um protetor,
cuida da fauna e da flora
e somente manda embora
aquele que fizer mal,
trazendo risco e perigo
ou se tornando inimigo
da vida do manguezal.





Lenda 4

LENDA DA MÃE D'ÁGUA





Quando o tempo vai passando
a idade só vai crescendo,
quem antes ia pescar
hoje fica em casa vendo,
o subir da maresia
os barcos da pescaria
e nas águas as crianças,
e relembra cada história
existente na memória
que hoje são só lembranças.

O pescador sai da pesca
mas a pesca continua,
presente em sua história
e em cada memória sua,
ao falar com seu Francisco
sobre cada medo e risco
que ele passou ao pescar,
foi contando dos perigos
e de alguns dos seus amigos
que perdeu ao trabalhar.

Francisco foi pescador
mas hoje está aposentado,
vive contando histórias
que ele viveu no passado,
essas histórias contadas
umas são águas passadas
outras vivem no local,
umas causam arrepio
como as das lendas do rio
e também do manguezal.



Ele conta que certa vez
ao ir em uma pescaria,
seguiu o mesmo trajeto
que era feito todo dia,
como sabia o caminho
costumava ir sozinho
sem ter temor ou medo,
e toda vez que pescava
o pescador não gostava
de voltar tarde, só cedo.



Nesse dia a sua rede
estava enchendo ligeiro,
o pescador tinha peixe
que dava pro mês inteiro,
mas como ainda era dia
pensou que mal lhe faria
adentrar um pouco mais,
procurar espécies novas
mesmo estando nas desovas
de diversos animais.

Foi adentrando pouco a pouco
por diferentes caminhos,
no céu de fim de tarde
aves voam para os ninhos,
a lua logo apontava
enquanto o sol se deitava
se despedindo do dia,
quando se atentou na hora
achou melhor ir embora
e encerrar a pescaria.

Mas para encerrar de vez
jogou a rede novamente,
esperando trazer cheia
só que foi bem diferente,
a rede voltou vazia
e ele não entendia,
o que tinha acontecido,
então outra vez jogou
nada veio, só escutou
vindo do rio um ruído.

Francisco olhou para trás
viu as águas balançando,
como se tivesse alguém
ou algo grande chegando,
viu diversos passarinhos
todos saindo dos ninhos,
mesmo já sendo lua cheia,
e ao olhar no fim do rio
sentiu medo e arrepio
ao avistar uma sereia.



Parecia uma mulher
pela imagem feminina,
com o cabelo bem longo
e a sua cintura fina,



mas ao descer a visão
viu que a mulher em questão
tinha uma calda gigante,
até parecia engano
tinha tronco de humano
e peixe em todo o restante.

Andava serpenteando
entro das águas do rio,
uma imagem tenebrosa
que causava calafrio,
aos passar pelos caminhos
saíam os passarinhos
em sinal de revoada,
fugiam todos voando
e assim iam avisando
e anunciando a chegada.



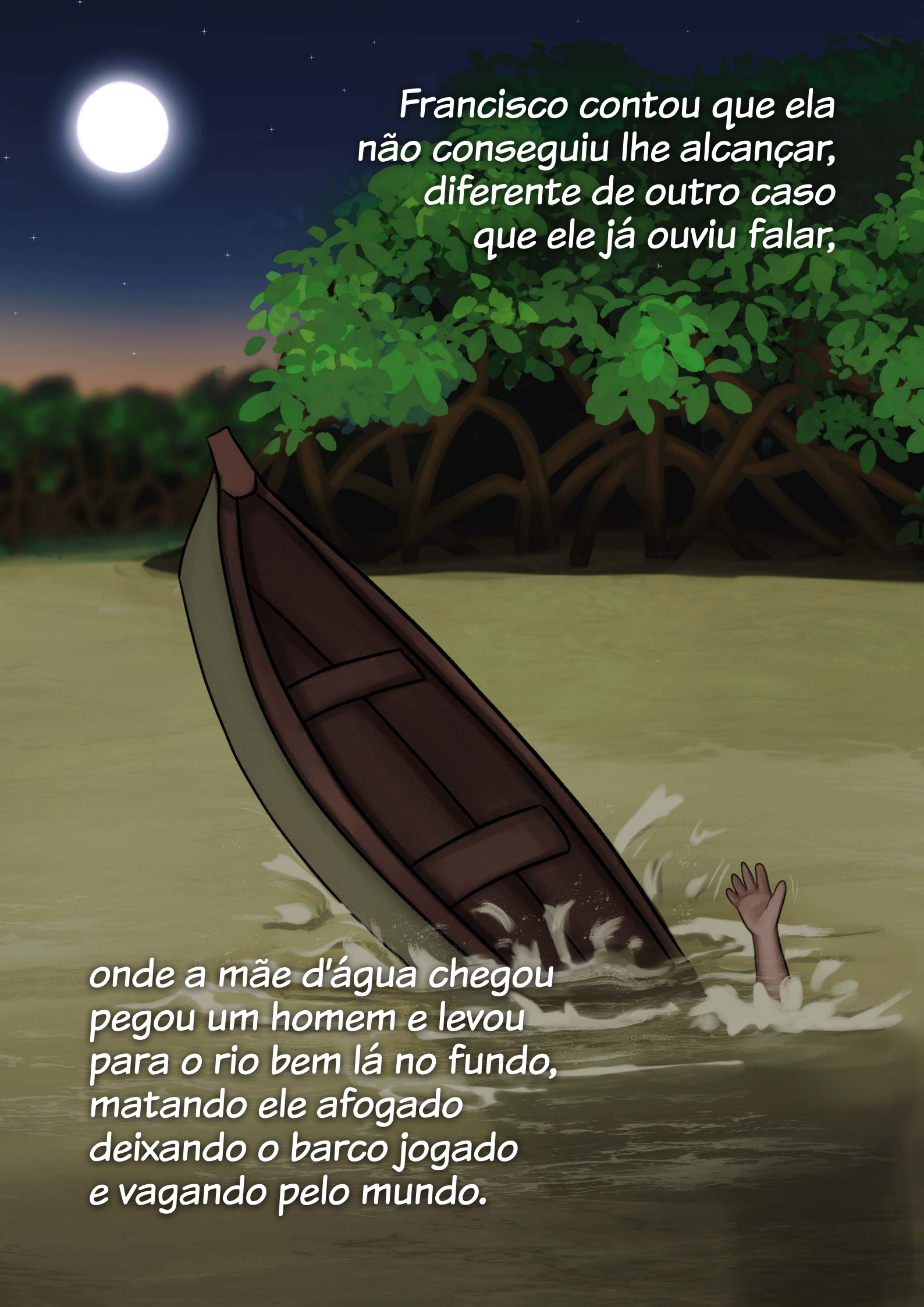
Francisco conta que logo
que avistou a tal sereia,
pensou em sair nadando
até chegar lá na areia,
mas poderia dar errado
pois era muito arriscado
seria puxado ao fundo,
ela vinha rapidamente
serpenteando na frente
de segundo em segundo.

O pescador puxou a rede
numa pressa desgramada,
tirou o barco de lado
foi saindo em disparada,
ele tentando ir embora
e os peixes caindo fora
do barco nessa corrida,
pois só pensava em fugir,
se segurar, não cair
e salvar a sua vida.



Nisso a criatura vinha
bem atrás serpenteando,
ao bater a mão no barco
ele quase foi virando,
a lua nessa labuta
iluminava toda a luta
que na hora acontecia,
entre o pobre pescador
que fugia do terror
que surgiu da pescaria.

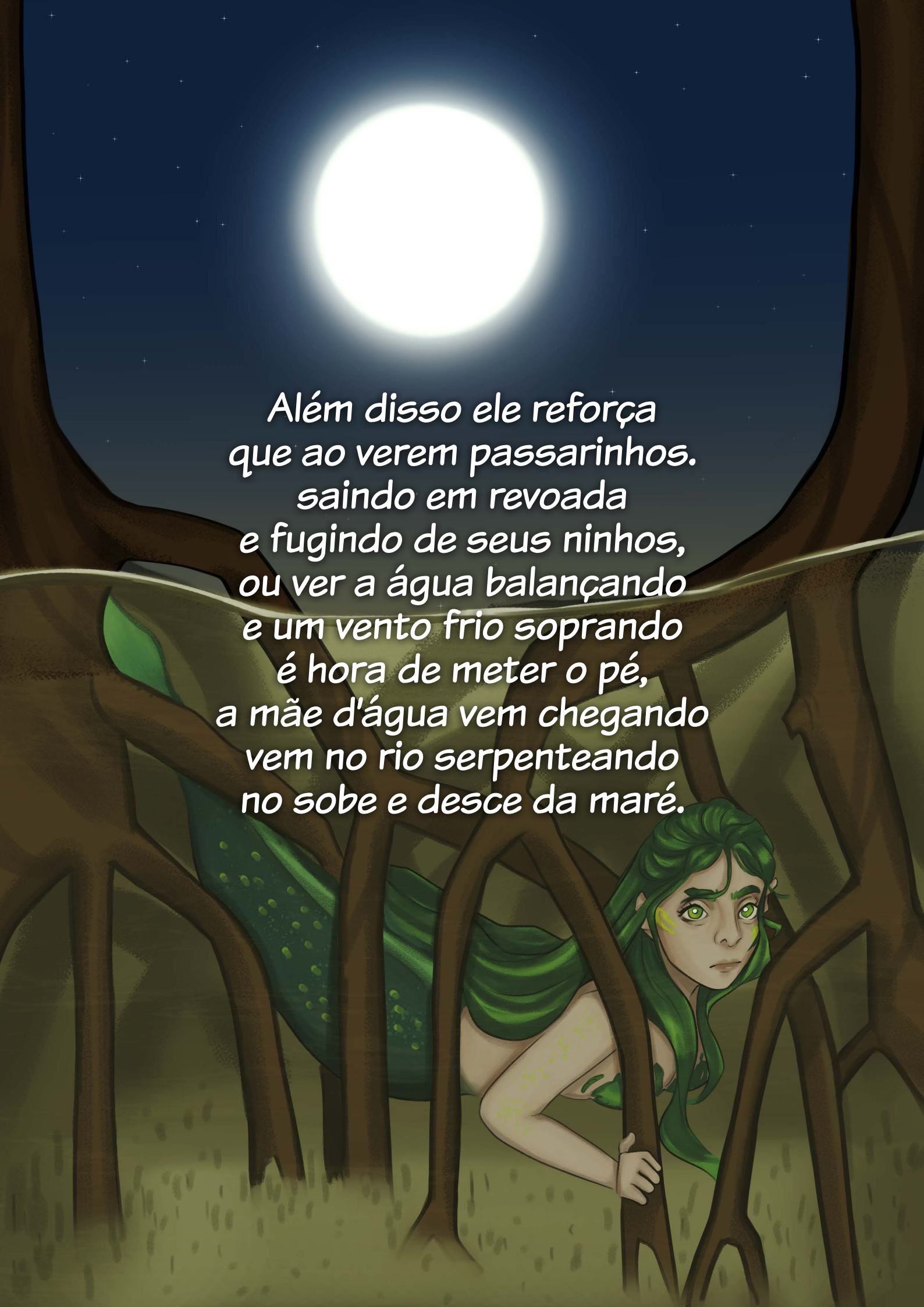
Quando perdia a esperança
e temia por sua vida,
avistou uma forte luz
que lhe apontou uma saída,
para a sua grande sorte
conseguiu fugir da morte
chegando até sua vila,
onde contou o que ele viu
da mãe d'água que surgiu
naquela noite tranquila.



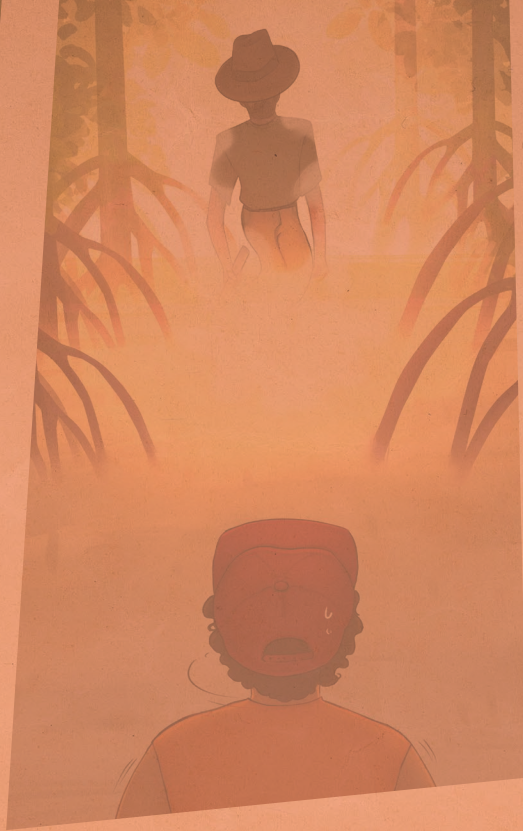
Francisco contou que ela
não conseguiu lhe alcançar,
diferente de outro caso
que ele já ouviu falar,

onde a mãe d'água chegou
pegou um homem e levou
para o rio bem lá no fundo,
matando ele afogado
deixando o barco jogado
e vagando pelo mundo.

Por conta do que passou
fugindo dessa sereia,
seu Francisco se atenta
e quando é na lua cheia,
ele avisa os pescadores
e todos os moradores
que moram no povoado,
a pescar só o que precisa
ainda por cima avisa
a ter bastante cuidado.

A woman with long, flowing green hair and yellow-green face paint is crouching in a forest at night. She is wearing a green, patterned garment. The forest is illuminated by a large, bright full moon in a dark blue sky with small white stars. The trees are dark brown, and the ground is a mix of green and brown. The woman has a serious expression and is looking towards the viewer.

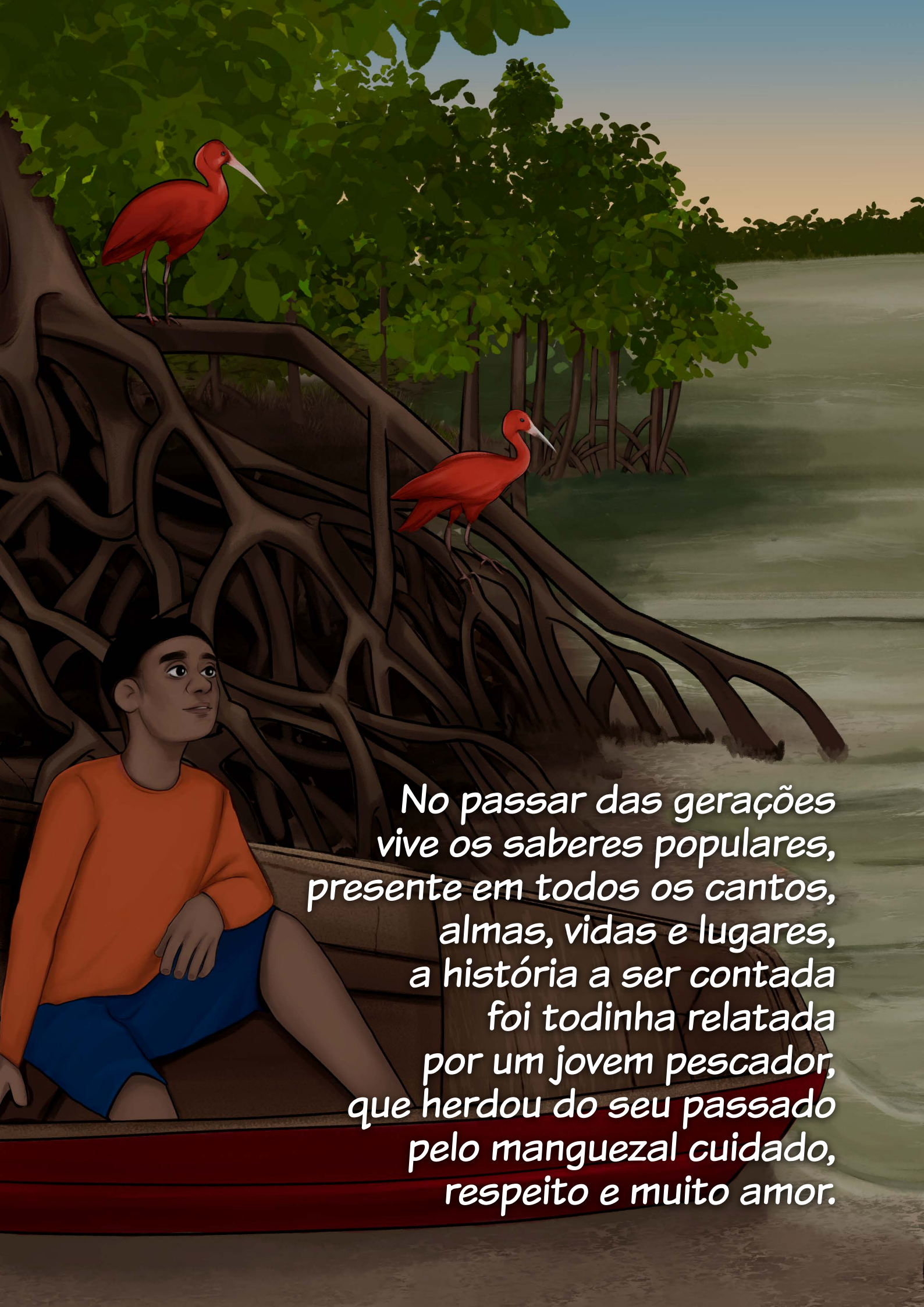
Além disso ele reforça
que ao verem passarinhos.
saindo em revoada
e fugindo de seus ninhos,
ou ver a água balançando
e um vento frio soprando
é hora de meter o pé,
a mãe d'água vem chegando
vem no rio serpenteando
no sobe e desce da maré.



Lenda 5

LENDA DO ANIMAL





No passar das gerações
vive os saberes populares,
presente em todos os cantos,
almas, vidas e lugares,
a história a ser contada
foi todinha relatada
por um jovem pescador,
que herdou do seu passado
pelo manguezal cuidado,
respeito e muito amor.

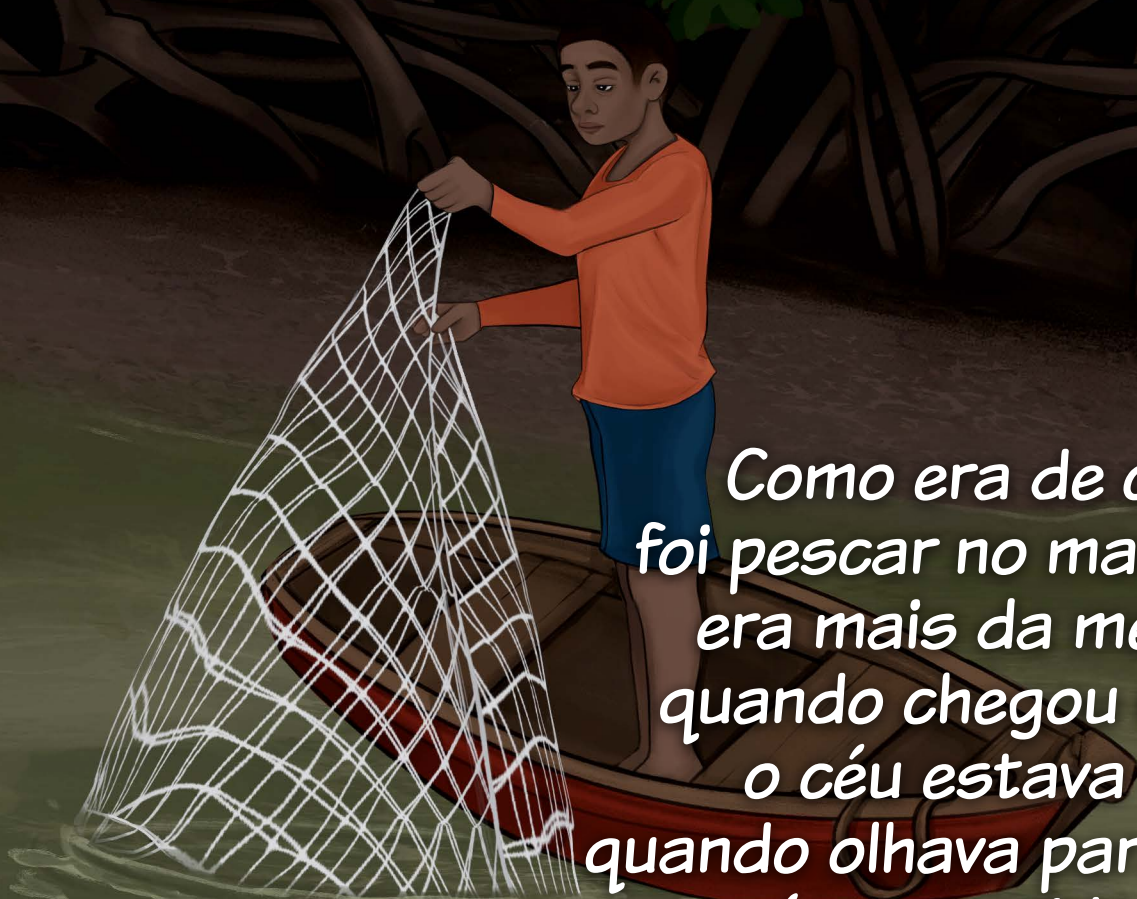
O menino foi crescendo
no meio dos pescadores,
aprendendo a profissão
com seu pai e outros senhores,
aprendeu pelo local
sobre pesca artesanal
e saberes regionais,
construiu a sua história
mantendo viva a memória
dos avós e dos seus pais.



Luís desde bem pequeno
aprendeu que mangue é vida,
é berçário, resistência,
entrada e também saída,
já viu pelo igarapé
caranguejo, jacaré,
garça, peixe e camarão,
viu diversos animais
nos mais distintos locais
do mangue da região.

Certa vez ele contou
uma tenebrosa história,
de um animal nunca visto
mas que não sai da memória,
um ser sobrenatural
que ele viu no local
durante uma pescaria,
parece coisa inventada
mas depois que é contada
não tem quem não se arrepia.

Luís era conhecido por pescar na madrugada, às vezes ele ia sozinho não tinha medo de nada, por amigos era alertado para tomar mais cuidado ao pescar nesse horário, noite nunca é como dia não se sabe o que vigia um pescador solitário.



Como era de costume foi pescar no manguezal, era mais da meia noite quando chegou no local, o céu estava nublado quando olhava para o lado só a escuridão do rio, o silêncio era gigante, a frieza era constante, e o vento soprava frio.

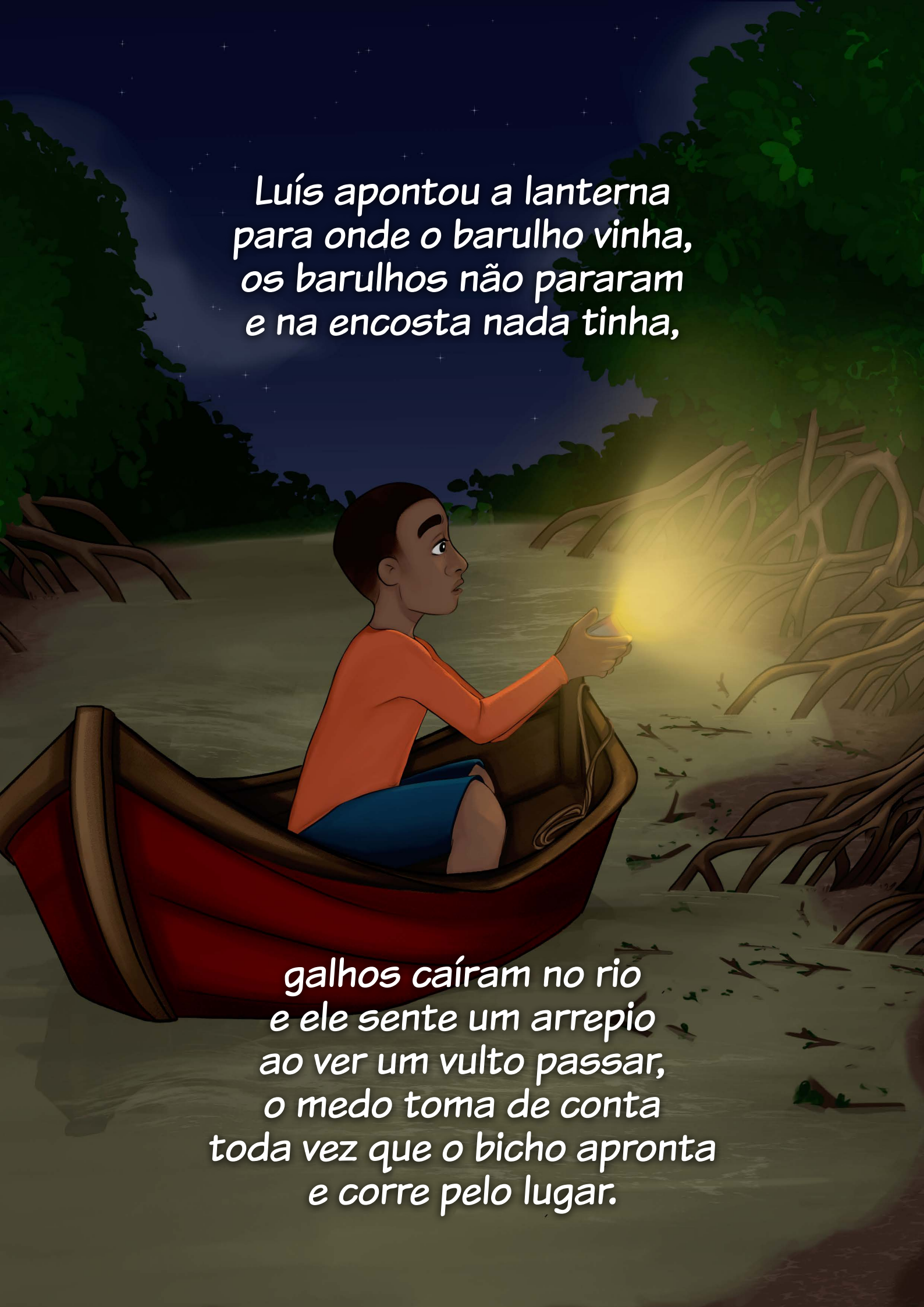
Mas isso não lhe abalou
nem mesmo a escuridão,
ele tinha uma lanterna
e não tirava da mão,
sabia bem o caminho,
até puxava sozinho
a rede da pescaria,
que às vezes vinha lotada,
poucos peixes, quase nada
ou em outras até vazia.

Durante algumas horas
a pesca rendeu bastante,
mas tudo logo mudou
daquela hora em diante,



apareceu feito um vento
correndo pelo relento
e na encosta do local,
uma estranha criatura
vagando na noite escura
parecendo um animal.

No início ele pensou
ser um cachorro perdido,
mas durante o momento
não teve nenhum latido,
tentou voltar aos trabalhos
mas com a queda de galhos
ficou bastante assustado,
logo parou a pescaria
para caçar se havia
algo ali bem do seu lado.

An illustration of a young boy with dark skin and short hair, wearing an orange long-sleeved shirt and blue shorts, sitting in a red wooden boat on a river at night. He is holding a glowing yellow flashlight that illuminates the water and the mangrove roots on the right bank. The background shows a dark night sky with stars and dense green foliage on the left bank. The water is dark with some reflections and floating debris.

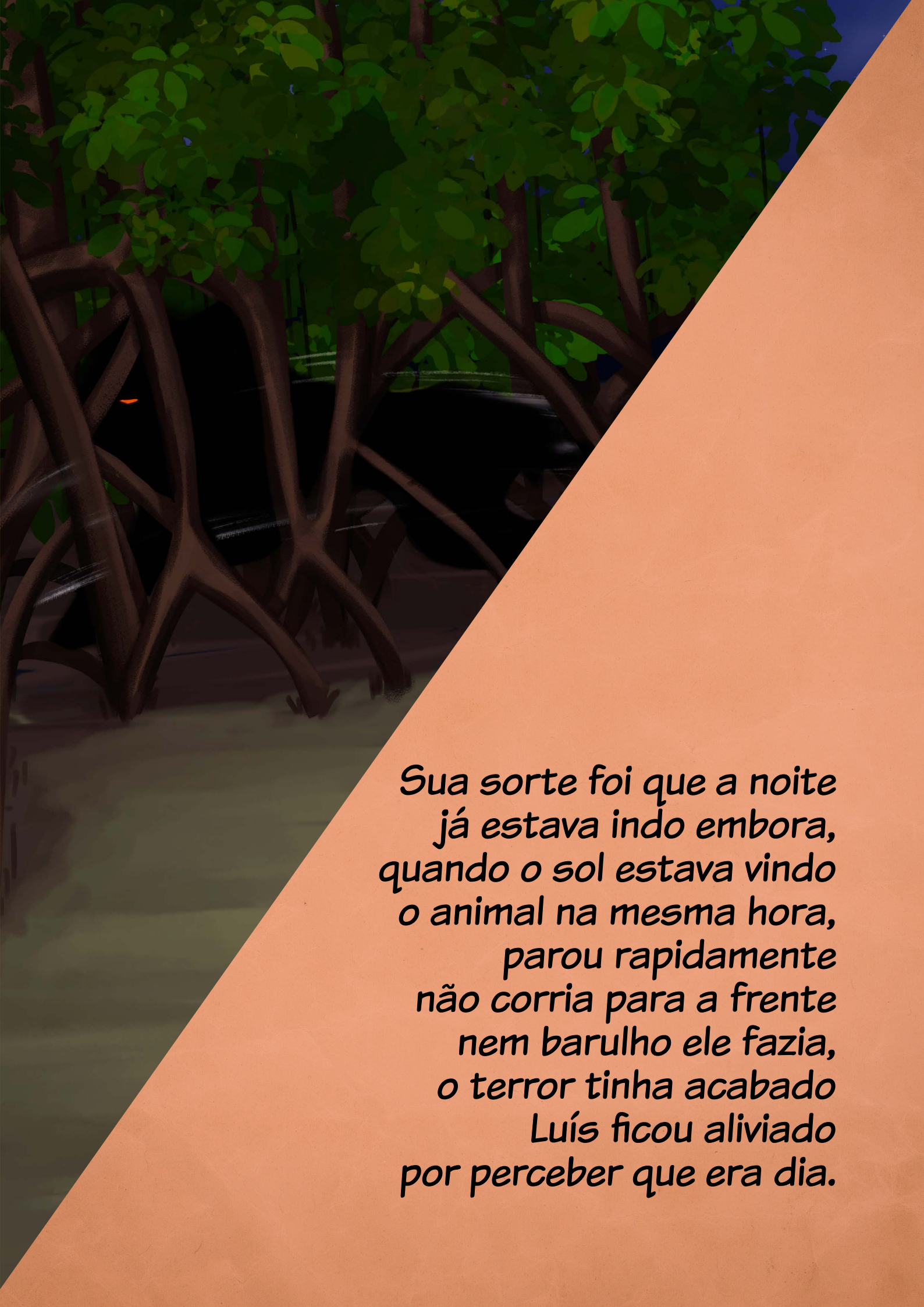
Luís apontou a lanterna
para onde o barulho vinha,
os barulhos não pararam
e na encosta nada tinha,

galhos caíram no rio
e ele sente um arrepio
ao ver um vulto passar,
o medo toma de conta
toda vez que o bicho apronta
e corre pelo lugar.

Ao tentar tirar a rede
para poder fugir de vez,
se assustou novamente
com o que o animal fez,
o bicho saiu mexendo
nas folhagens e tremendo
a água do manguezal,
mesmo estando atordoado
achou mais apropriado
não ficar mais no local.

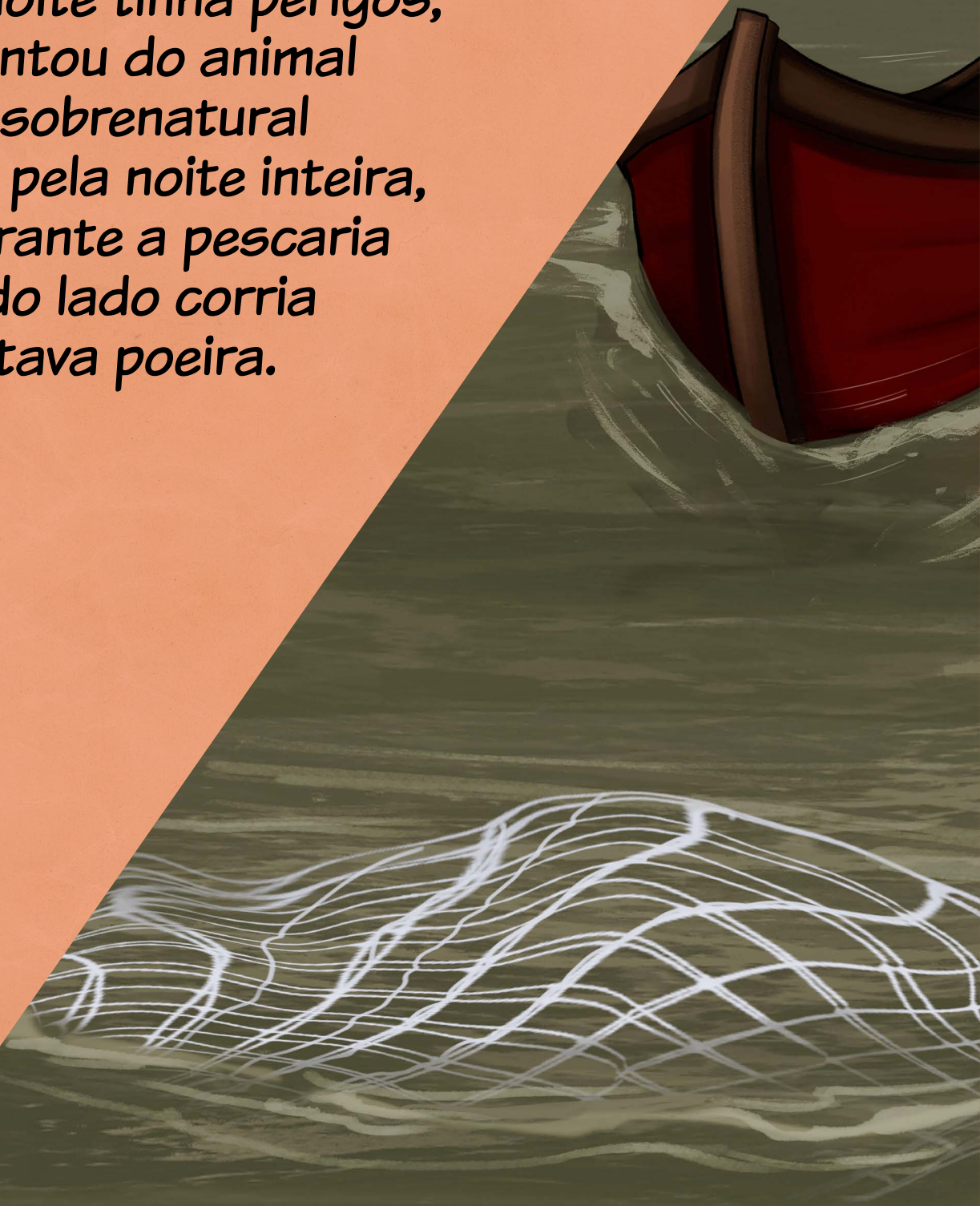
Nessa fuga ele deixou
sua rede abandonada,
não possuía mais tempo
para poder ser tirada,
enquanto ele fugia
o animal lhe seguia
por toda a encosta do rio,
toda vez que ele olhava
ainda não acreditava
e sentia um arrepio.



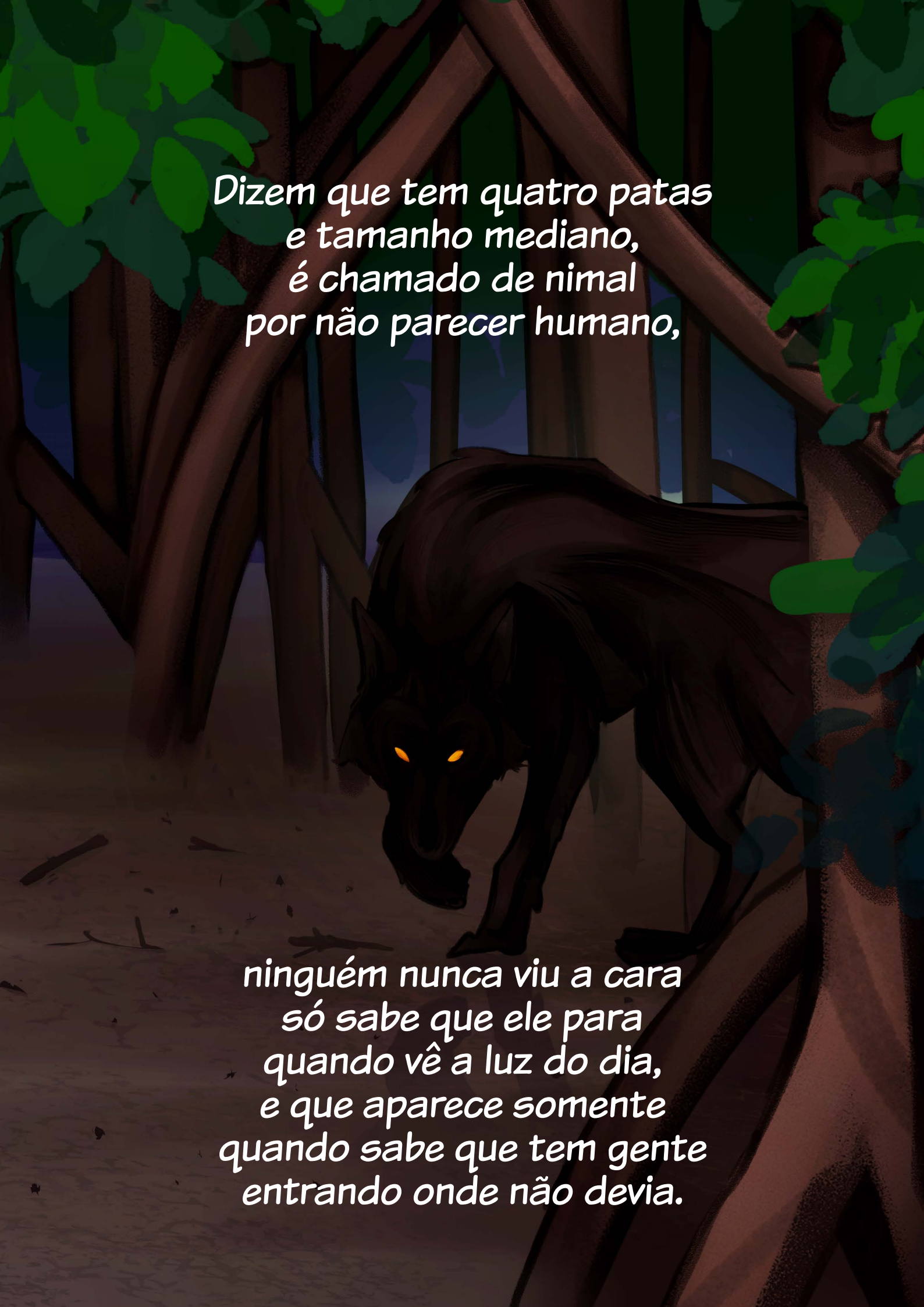


Sua sorte foi que a noite
já estava indo embora,
quando o sol estava vindo
o animal na mesma hora,
parou rapidamente
não corria para a frente
nem barulho ele fazia,
o terror tinha acabado
Luís ficou aliviado
por perceber que era dia.

Ao chegar na sua vila
avistou os seus amigos,
os mesmos que falavam
que a noite tinha perigos,
Luís contou do animal
do ser sobrenatural
que viu pela noite inteira,
que durante a pescaria
por todo lado corria
e levantava poeira.



Depois de todo esse trauma
que passou com o animal,
ele mudou o seu horário
de pescar no manguezal,
quando a noite vem chegando
o jovem já vai guardando
a rede e cada aparato,
não espera e nem que ver
o animal aparecer
novamente lá no mato.

A dark, four-legged creature with glowing yellow eyes is shown in a forest setting. The creature is dark brown or black, with a long, flowing mane or tail. It is standing on a dirt path, looking down. The background consists of several large, brown tree trunks and green foliage. The lighting is dim, suggesting a dark or twilight environment.

Dizem que tem quatro patas
e tamanho mediano,
é chamado de nimal
por não parecer humano,

ninguém nunca viu a cara
só sabe que ele para
quando vê a luz do dia,
e que aparece somente
quando sabe que tem gente
entrando onde não devia.



Lenda 6

LENDA DO HOMEM

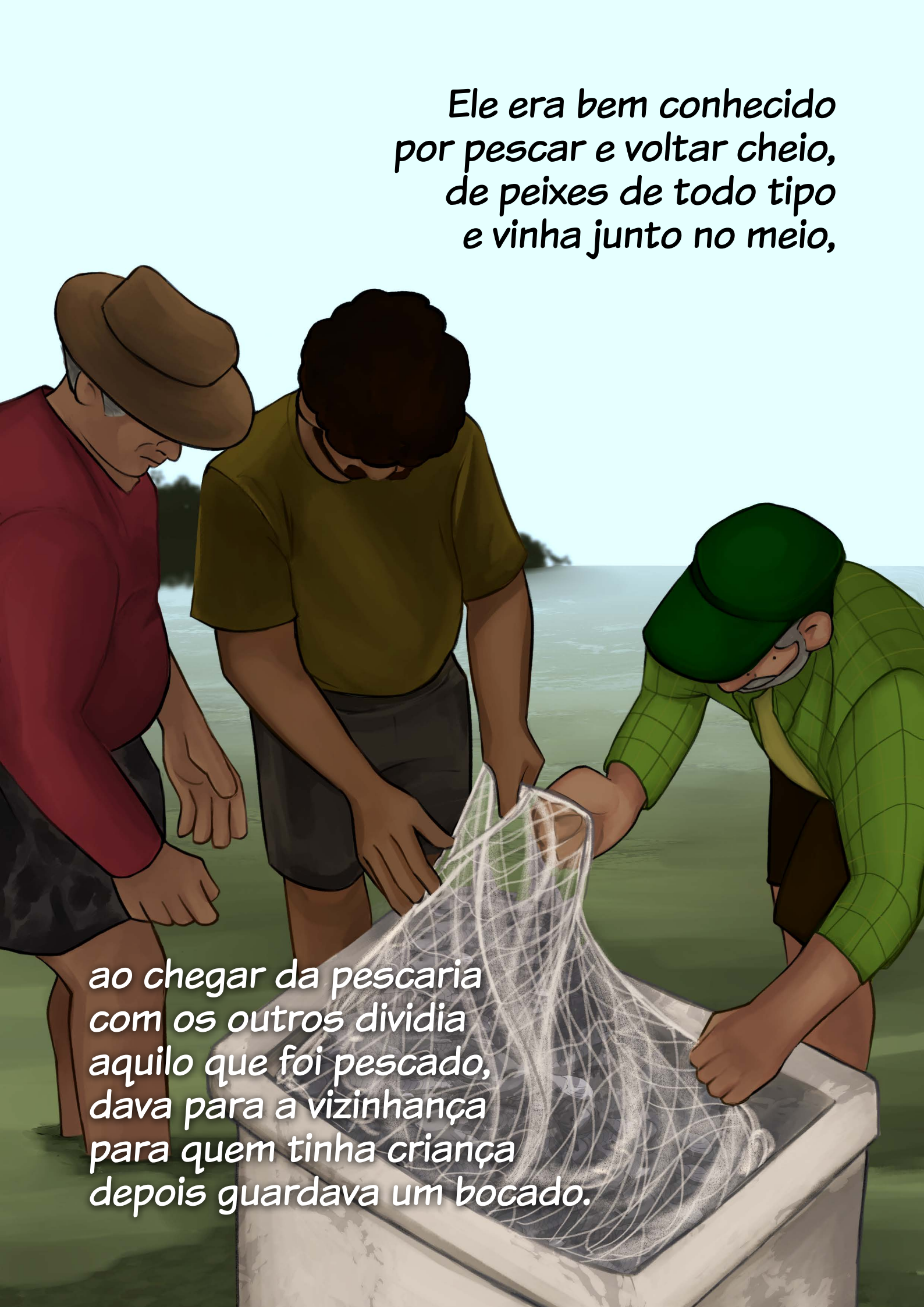


Nossos rios se entrelaçam
entre toda a nossa flora,
atravessam nossos mangues,
percorrem e vão embora,
em cada volta que tem
guardam vidas e também
histórias de um passado,
contadas por um parente
ou vistas pessoalmente
frente a frente, lado a lado.

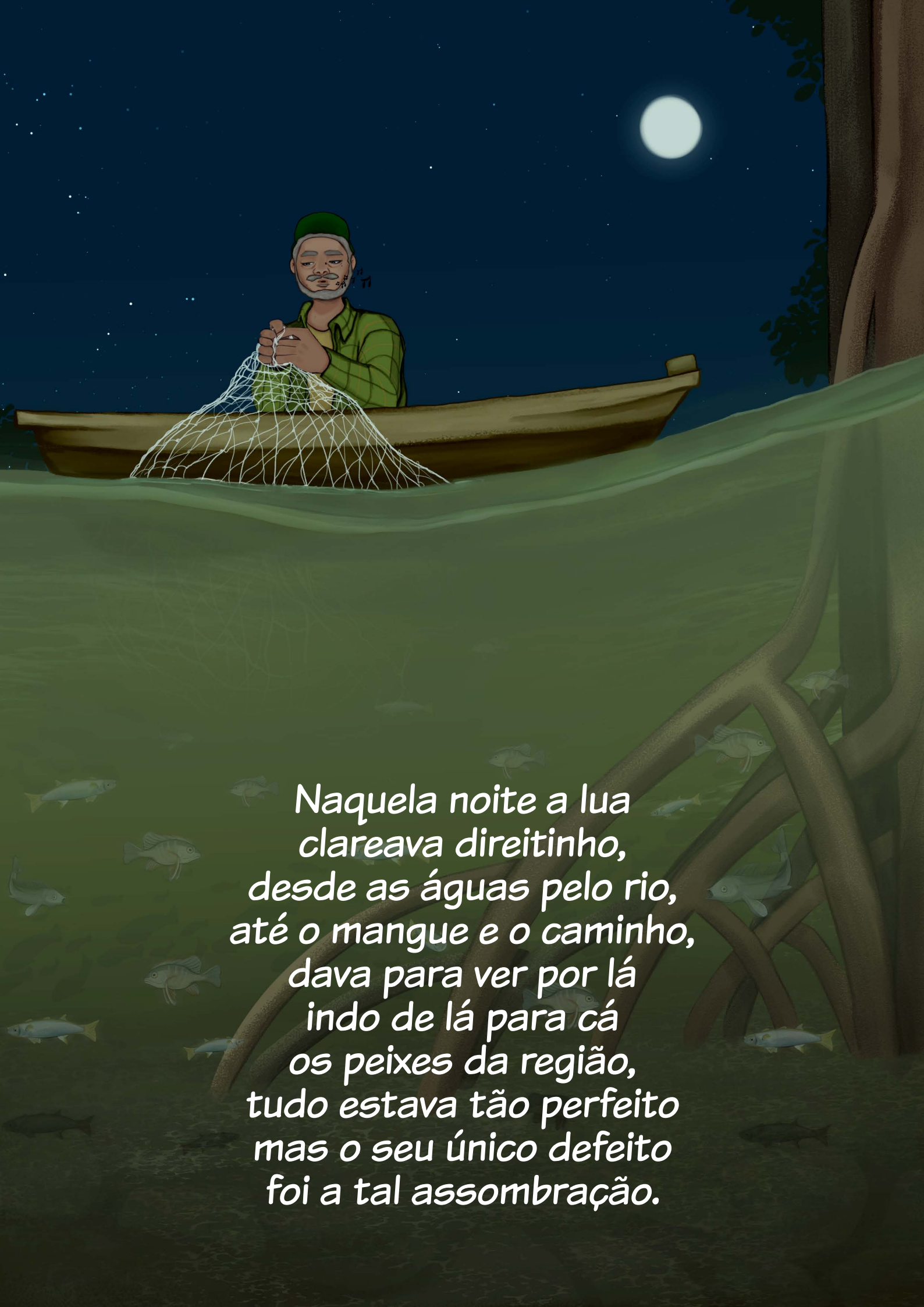
Numa tarde de domingo
já chegando o fim do dia,
escutei uma história
contada por Zé Maria,
pescador experiente,
responsável, boa gente
e também conhecedor,
de cada conto e história
que marcam a trajetória
de vida de um pescador.

*O seu Zé já é vivido
já viu de tudo um pouco,
uns dizem que é mentira
outros que ele está louco,
mas ele conta e reconta
leva ao local e aponta
onde tudo aconteceu,
nessa história contada
fala da noite assombrada
de quando quase morreu.*

Ele era bem conhecido
por pescar e voltar cheio,
de peixes de todo tipo
e vinha junto no meio,

An illustration showing three men by a body of water. The man on the right, wearing a green cap and a green plaid shirt, is pouring fish from a white net into a white bucket. The other two men, one in a red shirt and brown hat, and the other in a green shirt and dark shorts, are looking on. The background shows a calm body of water under a light sky.

ao chegar da pescaria
com os outros dividia
aquilo que foi pescado,
dava para a vizinhança
para quem tinha criança
depois guardava um bocado.



Naquela noite a lua
clareava direitinho,
desde as águas pelo rio,
até o mangue e o caminho,
dava para ver por lá
indo de lá para cá
os peixes da região,
tudo estava tão perfeito
mas o seu único defeito
foi a tal assombração.

*A rede vinha com peixes
de toda cor e tamanho,
cada peixe que chegava
representava mais ganho,
a pesca estava rendendo
até seu Zé ver mexendo
as águas pelo local,
mexiam intensamente
de maneira diferente
não parecia normal.*



Ele para um pouco a pesca
para entender o motivo,
das águas mexerem tanto
se era vento ou um ser vivo,
que havia mergulhado
ou se só tinha soprado
um vento forte e mais frio,
mas logo ficou aflito
quando ouviu um forte grito
vindo do fundo do rio.

Seu Zé Maria se arrepiou
logo ficou assustado,
procurou por todo canto
quem gritou bem do seu lado,
por perceber que foi perto
ele resolve que o certo
é dar no pé e ir embora,
mas algo segura a proa
puxa por baixo a canoa
e afunda na mesma hora.

Quando a canoa é puxada
durante a pescaria,
tudo cai dentro da água
junto com seu Zé Maria,



enquanto desce lentamente
ele avista lá na frente
naquele mesmo segundo,
algo que não era humano
era um homem mediano
que vinha de lá do fundo.

Ao ver que a tal criatura
era sobrenatural,
seu Zé nada bem ligeiro
para fugir do local,
o tal homem vem nadando
por pouco não ia pegando
o pescador ao sair,
quando escapou lá do rio
todo molhado com frio
ele só pensou em fugir.



Saiu correndo no mangue atordado e sozinho, queria chegar em casa e procurava um caminho, quanto mais ele corria mais medo ele sentia por temer a criatura, estava desesperado não sabia qual o lado ou a estrada mais segura.

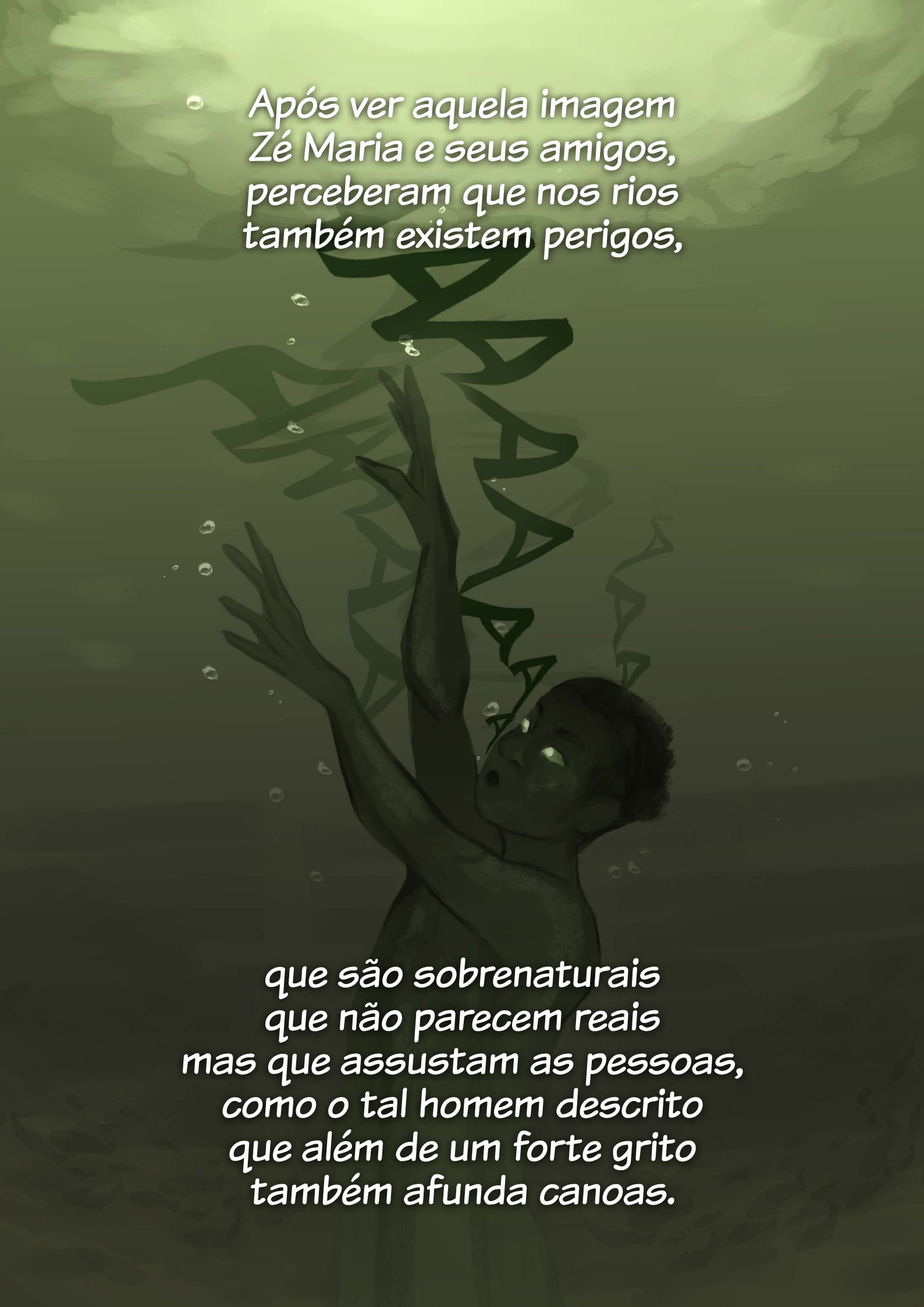
Ao chegar na sua vila
depois de correr bastante,
as pessoas logo viram
o assustador semblante,
um olhar traumatizado
o corpo todo marcado
dos galhos lá do local,
de medo ainda tremia
mas chorava de alegria
por fugir do manguezal.



Quando ficou mais calmo
seu Zé contou a história,
que se ele estava vivo
era motivo de glória,
falou que uma pessoa,
um homem pegou a canoa
e lhe puxou para o fundo,
tinha uma força gigante
e um grito horripilante
que não era desse mundo.

Dias depois seu Zé Maria
foi no local novamente,
levou outros pescadores
e viram bem lá na frente,
a rede por ele usada
vazia e toda rasgada
na margem do igarapé,
também foram encontrados
vários pedaços quebrados
da canoa do seu Zé.



An illustration of a man underwater, looking up with a surprised expression. His arms are raised, and his hands are open. Above him, a large, dark shadow of a man with his arms raised is visible, suggesting a ghostly or supernatural presence. The background is a dark, murky green with some bubbles and light filtering from above.

Após ver aquela imagem
Zé Maria e seus amigos,
perceberam que nos rios
também existem perigos,

que são sobrenaturais
que não parecem reais
mas que assustam as pessoas,
como o tal homem descrito
que além de um forte grito
também afunda canoas.



Lenda 7

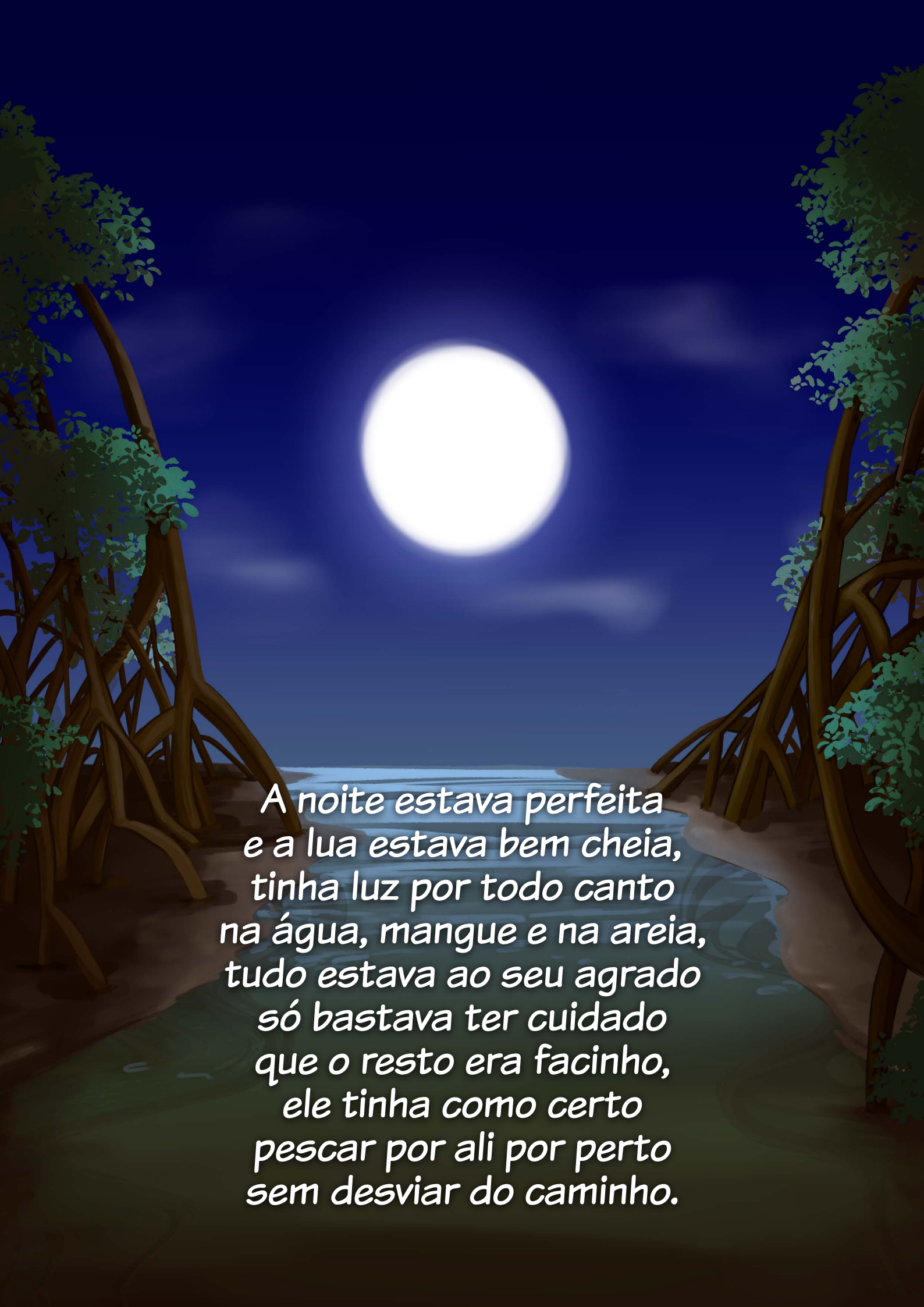
LENDA DO GRITADOR



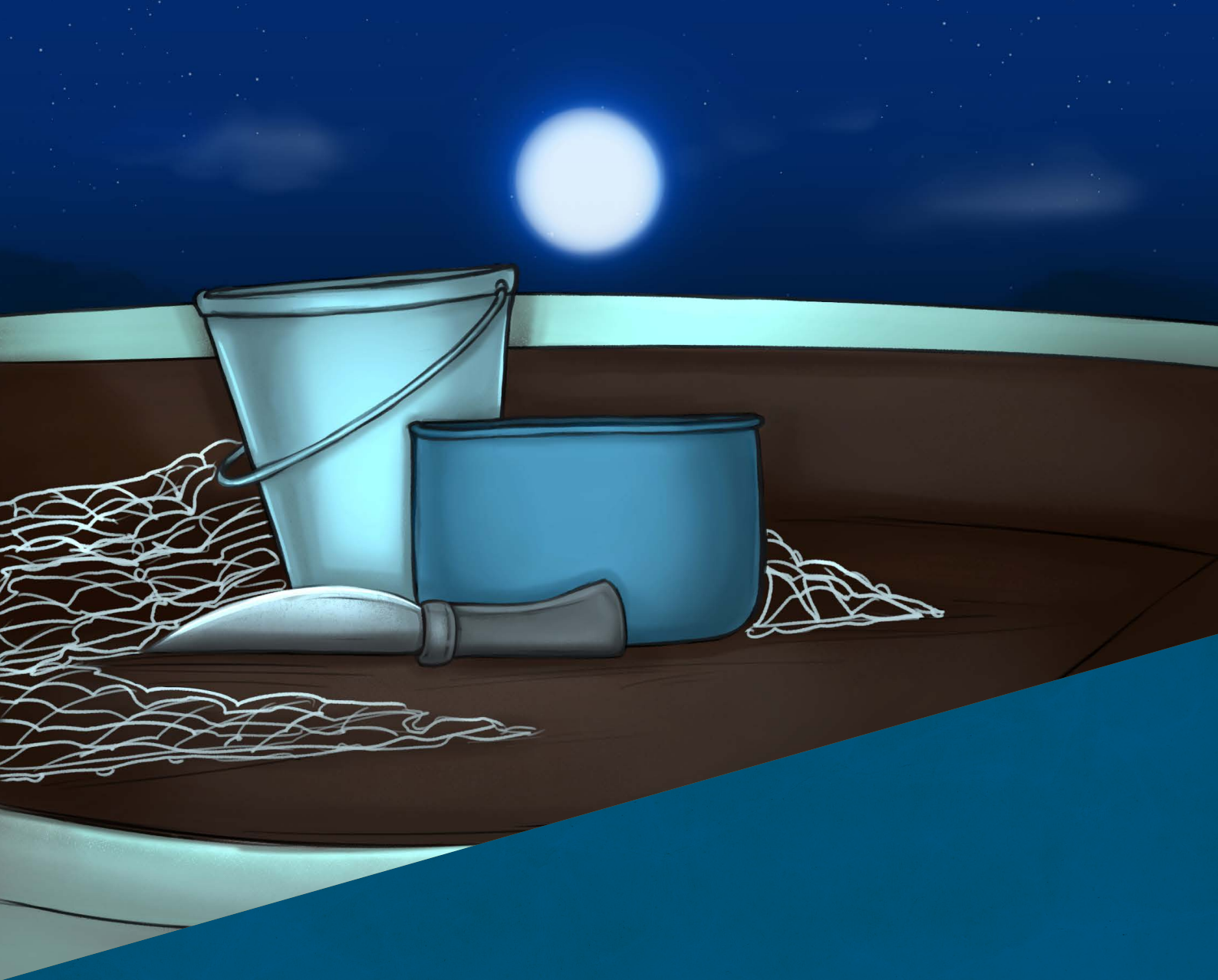
Os mangues guardam beleza,
vida, fartura e história,
quem já foi no manguezal
não lhe tira da memória,
um espaço necessário
que serve como berçário
de animais da região,
e em meio aos arvoredos
guardam lendas e segredos
que nascem daquele chão.

*Não tem um só pescador
que pesque lá pelo rio,
que já não tenha avistado
ou sentido um calafrio,
com alguma assombração
que existe na região
no meio do manguezal,
que vive por lá vagando,
no vento que vem soprando
ou nas águas do local.*

A história a ser contada
quem me contou foi seu Bento,
quando viveu uma peleja
durante um certo momento,
ele detalhou direitinho
cada parte do caminho
que lhe levou ao lugar,
onde fez a pescaria,
até a noite estranha e fria
da lenda que vou contar.

A night scene in a mangrove forest. A large, bright full moon hangs in a dark blue sky, casting a soft glow over the water and the intricate, brown, root-like structures of the mangrove trees. The water is dark and reflects the moonlight. The trees are silhouetted against the night sky, with some green leaves visible. The overall atmosphere is serene and quiet.

*A noite estava perfeita
e a lua estava bem cheia,
tinha luz por todo canto
na água, mangue e na areia,
tudo estava ao seu agrado
só bastava ter cuidado
que o resto era facinho,
ele tinha como certo
pescar por ali por perto
sem desviar do caminho.*



No barco ele levava um facão e uma bacia, para guardar todo o peixe pescado na pescaria, como Bento é artesão a rede foi feita à mão com traços artesanais, mantendo viva a história, arte, cultura e memória das raízes dos seus pais.

Ele saiu pelo rio
na procura de um lugar,
que fosse perto, seguro
e melhor para pescar,
o que ele mais queria
era uma pescaria
rápida e com fartura,
mas não achou facilmente
resolveu ir mais a frente
continuar a procura.





AAAAAA!!

AAAAAA!!

AAAAAA!!

AAAAAA!!

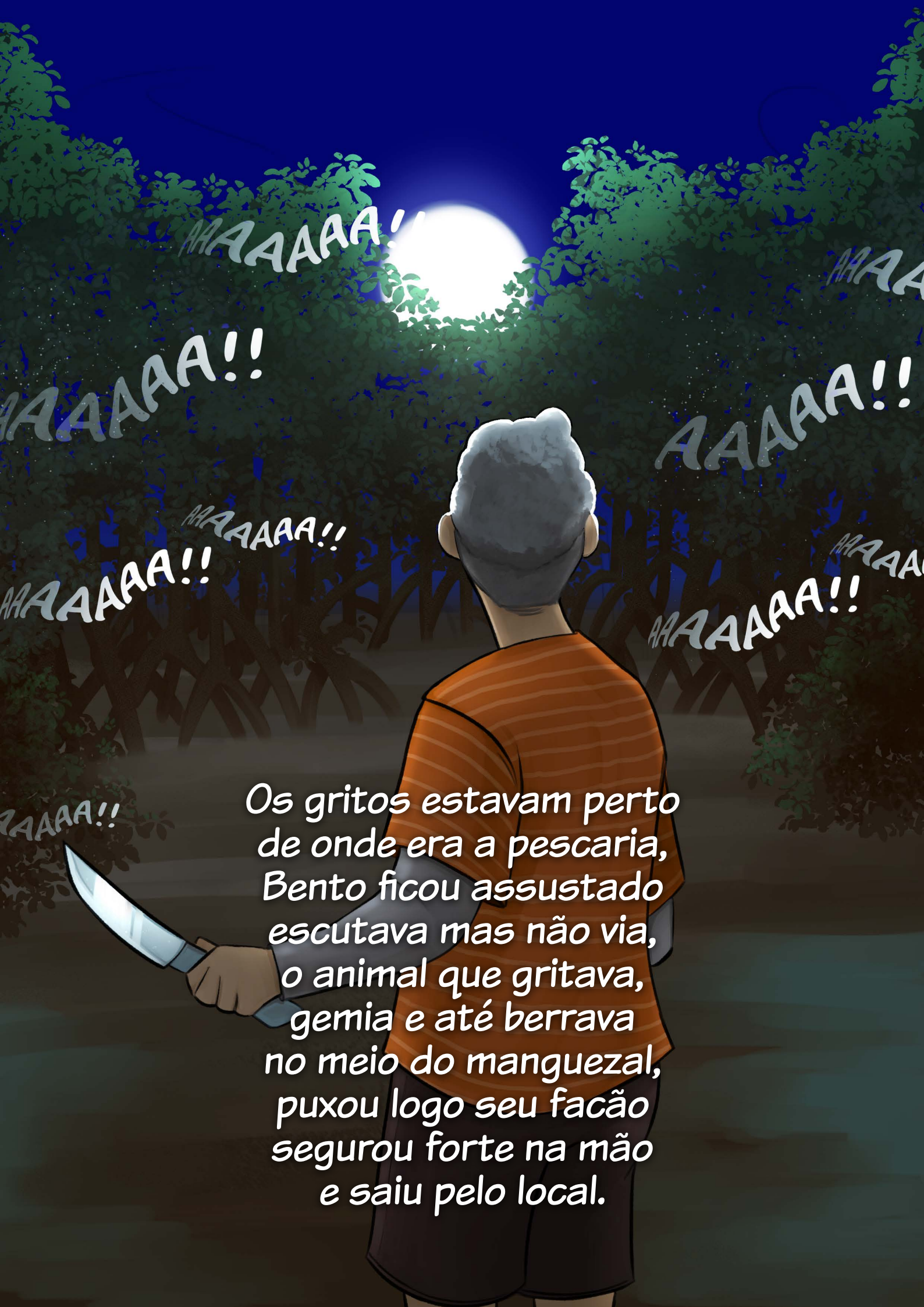
AAAAAA!!

AAAAAA!!

AAAAAA!!

Foi subindo mais e mais
até chegar ao destino,
um lugar já conhecido
por ele desde menino,
não era tão perto da vila
mas a noite era tranquila
diferente de outro dia,
não tinha perigo algum
no máximo só tinha um
voltar de rede vazia.

Começou os seus trabalhos
jogando a rede no rio,
volta e meia ele sentia
um vento gelado e frio,
até achou que era normal
até ouvir no local
um grito forte e estridente,
eram berros de animais
vindo de vários locais
dos lados e pela frente.



Os gritos estavam perto de onde era a pescaria, Bento ficou assustado escutava mas não via, o animal que gritava, gemia e até berrava no meio do manguezal, puxou logo seu facão segurou forte na mão e saiu pelo local.

*Deixou o barco amarrado
preso num banco de areia,
levou seu facão na mão
foi na luz da lua cheia,
o pescador foi andando
com atenção procurando
o fazedor da gritaria,
mas quanto mais ele andava
mais gritos se escutava
e animal nenhum se via.*

A noite ficou estranha
seu Bento ficou com medo,
resolveu voltar de lá
enquanto ainda era cedo,
quando estava voltando
os gritos vinham chegando
em direção ao local,
o barulho era gigante
e só assim nesse instante
viu que não era animal.

Sons de berros e de gritos
rodeavam o seu Bento,
não tinha nenhuma imagem
só berros lá no momento,
ele saiu na correria
no meio da gritaria
que doía seus ouvidos,
e lembrou rapidamente
de uma lenda existente
contada por conhecidos.



Chegou no barco e saiu
com medo e em disparada,
só queria sair de lá
somente isso e mais nada,



os gritos lhe acompanhavam
e pelo mangue ecoavam
de um jeito que ninguém via,
e só pararam na hora
que seu Bento foi embora
dando fim à pescaria.

Ao chegar do manguezal
contou para toda a vila,
o terror que ele viveu
naquela noite tranquila,
gritos e berros que ouviu
e do medo que sentiu
dentro do mangue sozinho,
após ser atormentado
depois de ter encontrado
o gritador no caminho.

*Depois da falta de sorte
e do encontro indesejado,
seu Bento e os pescadores
aumentaram o cuidado,
se escutam na pescaria
barulho de gritaria
eles saem do local,
se tem gritos já é certo
o gritador está perto
espantando quem faz mal.*



AAAAAAAAAAAA!!

SOBRE OS AUTORES



Irlaine Rodrigues Vieira

Bióloga, artista, licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará (2010), mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (2013) e doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Piauí (2016). Atua profissionalmente com Bióloga na Universidade Federal Delta do Parnaíba e Docente de curso de Especialização na mesma Universidade. Tem experiência em etnografia, Botânica e ecologia.

E-mail: irlainervieira@gmail.com



Francisco Eudes de Sousa

Poeta, cordelista e ativista popular, é Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Idealizador da série de folhetos de cordel “Turma do Chico Poeta” e da “Iniciativa Entre Versos”, que busca fortalecer a identidade cultural nordestina e promover o empoderamento comunitário por meio da arte, educação e cultura. Desenvolve pesquisas nas áreas de educação popular, cultura popular, alfabetização e letramento. É coautor do e-book “Anatomia Vegetal em Cordel - Volume I: Células e Tecidos Vegetais”.

E-mail: ffeudessousaa@gmail.com



Aline Martins Silva

Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba. Tem experiência na área de Biologia Geral, com ênfase em Biologia Geral.

E-mail: alinelaila2014@gmail.com



Manoel Bruno Alves Sales

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (2020) e especialização em Ciências da Natureza, Suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pelo Centro de Educação Aberta e à Distância/UFPI (2022). Atualmente, é Professor de Ciências da Secretaria Municipal de Educação do município de Batalha, Piauí.

E-mail: alvesb446@gmail.com



Jesus Rodrigues Lemos

Professor do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPAR (anterior UFPI/ Campus Ministro Reis Velloso). Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí, Mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado no *Royal Botanic Gardens/Kew*, Londres. Desenvolve pesquisas com as linhas Florística, Fitossociologia, Fitogeografia e Etnobotânica da vegetação do semiárido brasileiro e Ensino de Botânica.

E-mail: jrlemos@ufdpar.edu.br

LENDAS DOS MANGUEZAIS

NO DELTA DO RIO PARNAÍBA-PIAUI

Em "Lendas dos Manguezais no Delta do Rio Parnaíba - Piauí", encontramos não apenas narrativas de assombros e encantos, mas a alma viva de uma terra repleta de mistérios e tradições. Cada história, narrada com o vigor e a sabedoria de seus contadores/as e sistematizadas na poesia de cordel, nos revela o elo profundo entre o ser humano e o manguezal, entre o mito e a realidade, entre o visível e o invisível. Através dessas narrativas, ressoam os ecos de um passado imortalizado em versos, onde o assombro e a magia se entrelaçam com o cotidiano dos pescadores, pescadoras, marisqueiras e das criaturas que habitam essas águas.

Que ao final da leitura possamos sentir a presença do vento que sussurra lendas, das águas que guardam segredos e das vozes dos ancestrais que continuam a nos guiar, pois é na tradição oral que preservamos não só o que foi, mas também o que somos eternamente enredados nas histórias que contamos e ouvimos.